A VIDA DO HOMEM EM TRÊS MUNDOS

ANNIE BESANT

PENSAMENTO

Annie Besant

A VIDA DO HOMEM EM TRES MUNDOS

Tradução de
IVAN DE CAMPOS GUIMARÃES
E
BOACYR DE ANDRADE LIMA

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título do original inglês:
MAN'S LIFE IN THREE WORLDS
Edição original de The Theosophical Publishing House,
Adyar, Madras, Índia.

SUMÁRIO

Advertência 03
Capítulo I - O HOMEM E SUA ROUPAGEM 04
Capítulo II - A CONSCIÊNCIA PERSONIFICADA 09
Capítulo III - A ROUPAGEM DOS CORPOS 12
Capítulo IV - O HOMEM REVESTIDO 15
Capítulo V - CORPOS INFANTIS 18
Capítulo VI - CORPOS ADULTOS 20
Capítulo VII - CORPOS ADULTOS *(cont.)* 25
Capítulo VIII - CORPOS ADULTOS *(cont.)* 33
Capítulo IX - A CONSCIÊNCIA VIGÍLICA 35
Capítulo X - EVOLUÇÃO 36

Advertência

Esta obra foi escrita para os aspirantes ao estudo da Sabedoria Divina, que necessitem uma clara e sensível exposição de um dos seus principais ensinamentos, como seja: - o desenvolvimento do Espírito humano no ambiente dos três mundos em que se processa a evolução humana.

Representa esta obra uma compilação dos artigos publicados no suplemento semanal do diário *New lndia* que a autora publicou em Madras. Estes artigos foram também publicados no mensário teosófico *The Adyar Bulletin.* Agora são reproduzidos novamente em forma mais cômoda e duradoura, neste opúsculo.

Annie Besant

Capítulo I

O Homem e sua Roupagem

Pretendo tratar, neste opúsculo, da vida do homem nos três mundos onde ordinariamente a sua evolução prossegue, desde o seu nascimento até passar pela chamada morte física, que nada mais é do que o nascimento do segundo mundo e subsequentemente no terceiro mundo (o céu dos cristãos ou o Esvarga dos hinduístas), para finalmente também morrer neste mundo e renascer novamente no mundo terreno.

As palavras *nascimento* e *morte* significam tão somente as portas onde o homem passa de um mundo para o outro. Em realidade não nasce e nem morre e sim vive sempre. Porém quando deixa um mundo, os habitantes do mesmo, dizem: *"Morreu",* enquanto os habitantes do mundo em que acaba de ingressar por sua vez exclamam: *"Nasceu".* Em verdade, é o mesmo homem que vai de mundo em mundo aprendendo as lições que em cada um o ambiente lhe oferece, permanecendo a maior parte do tempo em que percorre este ciclo (1) na pura felicidade das mansões celestes. O homem é semelhante à ave que tendo o seu ninho na adorável beleza de um bosque, ao sentir fome, deixa sua ditosa morada e voando para o lago vizinho, em suas águas busca com o bico o alimento, regressando ao seu silvestre retiro logo que satisfaça sua necessidade, a fim de ali consumir o alimento encontrado. Assim o homem vive normalmente no mundo celeste; consome ali o alimento que levou consigo e, quando sente fome, (2) bate as suas asas para o lago que chamamos mundo físico onde reúne as experiências que lhe servem de alimento, voltando a seguir para a sua primitiva morada, onde vai assimilar convenientemente, alcançando deste modo o crescimento que pouco a pouco lhe dará a envergadura do homem perfeito.

A fim de compreender como vive o homem nos três mundos, necessário se torna conhecer sua constituição, isto é, em sua natureza e em suas roupagens ou invólucro, pois do contrário temerosos e confundidos ficaríamos quanto à clareza sobre esta matéria de todo imprescindível.

Que é o homem? - Uma inteligência espiritual, uma porção da Divindade revestida de matéria. Diz o Bhagavad-Gitâ: *"Uma porção de Meu próprio Ser se transforma, no mundo da vida, no Espírito imortal, e atrai inteiramente a mente e os demais sentidos velados na matéria." (3)* Tal é a sumária descrição do homem expressa no imortal Canto do Senhor. Demonstra que a natureza íntima do homem é um fragmento ou porção da Divindade, um Espírito imortal revestido de invólucros, de agregados de matéria, de corpos, ou como se queira chamar esta parte temporária e mutável, em contraste com sua eterna natureza dimanante do mesmo Deus.

Para compreendermos o que é o homem, devemos considerar a continuidade de sua vida, porque continuadamente está desenvolvendo sua Divindade íntima e modelando seus corpos mutáveis, de sorte que expressem sempre suas capacidades crescentes.

Na semente está potencialmente contida a árvore do futuro, e plantada na terra

absorve do solo sua nutrição, ao passo que o sol, a chuva e o ar a nutrem, determinando pouco a pouco sua germinação, até que cheia de raízes, brota o talo e despontam as folhas, convertendo-se em rebentos que a cada estação vão crescendo e por fim alcançam a altura da árvore progenitora de onde procedeu a semente. No inverno caem as folhas e a árvore fica desnuda, para na primavera revestir-se de nova folhagem em sucessivas renovações, sem prejuízos e sim com grande proveito para a árvore. Tudo isto também ocorre com o homem, a divina semente plantada pela mão do Eterno na matriz da matéria, que desta absorve sua nutrição e se alimenta com o sol do júbilo, a chuva da tristeza e o ar ambiente das circunstâncias. Em cada estação ou ciclo de vida, reveste-se de folhagem que lhe proporciona experiência e depois caem as folhas, enquanto a árvore vai crescendo até assemelhar-se ao seu pai e passar da humanidade à supra-humanidade, para viver em campos mais amplos, numa vida sempre crescente, mais plena, abundante e divina.

Portanto, que é o homem? Um fragmento divino; a Divindade latente em vias de atualização; a reiterada maravilha que o cristianismo simboliza no Deus feito homem, porque o filho do homem é verdadeiramente o Filho de Deus. O hinduísmo nos fala do sacrifício de *Purusha*, no Deus que se sacrifica para ser homem em benefício dos homens e do seu mundo. O processo desta atualização, os meios deste desenvolvimento, o segredo da evolução, chama-se transmigração se considerarmos o passo da inteligência espiritual de uma a outra forma, e chama-se palingenesia ou reencarnação se nos referirmos aos corpos mortais de que se reveste o espírito em cada ciclo ou período de vida,

Os três aspectos do homem - Considerado o homem como Inteligência espiritual, vemos que é uma Consciência, um ser capaz de se reconhecer a si mesmo e aos demais seres. Primeiramente, o homem afirma sua existência, dizendo: *"EU sou".* Em sua imaginação pode abstrair-se de todos menos de si mesmo. Não pode aniquilar o *"EU",* e embora contraia nos limites desta egocentridade sua consciência ou a espraie ate abranger todo o universo, o *"EU"* é o centro de todas as coisas. Quando o Eu considera seu próprio ser, esforçando-se em se analisar a si mesmo verifica que e um ser que pensa, sente e quer; e se percebe algo que não seja ele, um não-Eu externo ou conhece e experimenta atração ou repulsão por ele e atua sobre ele. Expondo esta mesma verdade em termos mais abstratos, se reconhece o Eu como Consciência com as três qualidades de Vontade, Sensibilidade e Mentalidade, cujo superior aspecto se manifesta em Poder Sabedoria e Inteligência, e em contato com o mundo exterior tomam as respectivas modalidades de Conhecimento, Emoção e Atividade. Nenhum destes vocábulos expressam com perfeição o conceito, porém, equivalem às qualidades denominadas pelos índios (hindus): *Iñâman*, *Ichchhâ* e *Kryâ* em que se resumem a limitada manifestação de Sachchidamanda, as tríplices cordas do Destino. Existem no homem três aspectos, fases ou qualidades pelas quais pode conhecer a si mesmo e se relacionar com o mundo. Sua consciência existe nos ditos três aspectos pelos quais se põe em contato com o não-Eu.

Roupagem do Homem - O Fragmento divino que no mundo dos seres viventes aparece como Espírito Imortal, atrai inteiramente a mente e os demais sentidos velados da matéria. A fim de ser um Espírito imortal no mundo dos viventes, deve revestir-se de matéria, e segundo nos ensinam os Puranas, a matéria de nosso "Quíntuplo universo" (4) é de cinco

classes: etérea, aérea, ígnea, aquosa ou líquida e terrestre ou sólida. (5) Entretanto existem no Universo divino dois graus de matéria mais sutil com os quais nada temos que ver no momento.

O grau mais denso de cada uma das mencionadas classes de matéria corresponde em nosso mundo físico ao que denominamos terra, água, fogo e éter ou ar, muito embora tenha sido reconhecida a triplicidade deste último. Todos estes graus ou estados de matéria compõem *nossa* terra, ou seja, o mundo de nossas relações quotidianas. Os outros quatro mundos, chamados nos Puranas de *oceanos,* interpenetram e envolvem o terrestre. Pondo de lado os símbolos e alegorias, são mundos compostos de outras classes de matéria, cada uma delas com suas diversas densidades, do mesmo modo que encontramos no mundo terrestre as modalidades de matérias física, *nirvânica*, *búdica*, mental, astral e terrestre. (6)

Na Antiguidade, chamavam-se "elementos" os diversos graus de matéria. O nome era conveniente porque todas as densidades de cada elemento se distinguiam por uma característica comum; assim como a água, o leite, o azeite, a terebentina, o álcool, etc., têm distinta densidade, muito embora todos eles sejam líquidos pela característica comum de se derramarem em todas as direções quando em liberdade, e tomarem a forma da vasilha em que sejam colocados.

A química moderna deu novo significado à palavra "elemento" e assim não podemos empregá-la em sua antiga acepção (7) muito embora seja um vocábulo muito adequado para distinguir os diferentes estados ou graus de matéria que possuam certas características comuns.

A química só estuda as substâncias que encontra no mundo físico e as resultantes das suas combinações procedidas nos laboratórios, e sem qualquer preocupação aplica, a seu bel-prazer, os nomes antigos, dizendo depois com a maior sem-cerimônia que os sábios de outrora não empregavam as palavras com acerto. A química esqueceu que veio muitos séculos mais tarde ao mundo, e deu novos significados às palavras usadas na Antiguidade. Conheciam os filósofos antigos a existência de outros mundos além do físico e empregavam vocabulário apropriado ao seu mais amplo conhecimento; e assim não se lhe pode vituperar de que em uso de seus direitos classificassem a matéria do universo de conformidade com suas especiais características e designassem cada uma das classes com o nome de "elemento". (8)

Roupagens inseparáveis do homem - Convém saber que para além dos cinco mundos já referidos, existem outros dois, o *âdi* e o *anupâdaka*, sob os quais se sucedem em ordem de sutilidade material, de mais para menos, os mundos átmico, *búdico*, mental, astral e físico, que nas Escrituras hinduístas são denominados por *Akâsha* (mundo etéreo), *Vâyu* (aéreo), *Agui* (ígneo), *Apas* (aquático) e *Prithivi* (terrestre). Os três aspectos da Consciência humana: Vontade, Sabedoria e Inteligência se correspondem com a matéria respectiva dos mundos átmico, *búdico* e mental, cujas matérias constituem três roupagens ou corpos que relacionam a Consciência do homem com os referidos mundos e persistem durante o curso da larga série de reencarnações, embora cresçam, se desenvolvam e compliquem à medida que o Espírito vai atualizando suas qualidades inerentes. Os três corpos referidos se chamam átmico, *búdico* e causal, e durante sua evolução nos cinco mundos são tão

inseparáveis dele como a pele do corpo físico. Constituem o veículo de manifestação do Espírito imortal, que sem eles não poderia manifestar-se. (9)

Roupagens ou corpos que se separam do homem - Quando o homem tem de viver ou se relacionar com os três mundos (físico, astral e mental) em que gira a roda de nascimentos e mortes, é necessário que se revista de corpos separáveis de sua individualidade, da mesma forma que sobre a inseparável pele de seu corpo físico se cobre com separáveis vestimentas. Os referidos corpos separáveis limitam as potências do imortal espírito; porém, em compensação o capacitam para adquirir as experiências que lhe proporciona o contato com os mundos inferiores. Muito bem; o mundo mental se subdivide em dois: o superior ou causal, e o inferior ou mental propriamente dito. O mundo causal proporciona a matéria para o corpo ou roupagem do Intelecto, e o mundo mental inferior a matéria do corpo adequada para adquirir conhecimentos concretos. Ao primeiro corpo chama-se causal, e ao segundo corpo mental ou mente concreta.

O mundo astral proporciona a matéria componente do corpo astral ou emocional, assim chamado porque é o instrumento ativo das emoções e desejos que atraem ou repelem os objetos exteriores.

O mundo físico proporciona a matéria componente do corpo físico ou instrumento da atividade da consciência.É o corpo da ação. Trataremos aqui unicamente destes três referidos corpos: o mental, relacionado com o mundo dos pensamentos; o astral, com o das emoções e desejos; e o físico, relacionado com o mundo da atividade física.

Convém salientar que o corpo físico está organizado de modo a servir de manifestação aos pensamentos, desejos e emoções tanto quanto serve de instrumento da atividade física, cuja base é sempre o sistema nervoso. Assim a mente atua por intermédio da substância cinzenta do cérebro e além disso se relaciona com os objetos exteriores por meio dos cinco sentidos de sensação, cujos centros estão no cérebro, e proporcionam à mente os materiais do pensamento. Por isto tem-se dito com muito acerto que "a mente é o sexto sentido", pois sintetiza *as* sensações de todos os cinco. As emoções e os desejos atuam no sistema glandular por meio dos nervos do grande simpático. A ação se efetua com o auxílio dos nervos que movem os músculos. Assim, o sistema nervoso, fundamento do corpo físico, é o órgão de manifestação do Conhecimento, da Emoção e da Atividade, correspondentes no mundo físico ao Intelecto, à Sabedoria e ao Poder dos três mundos superiores.

Destino dos corpos - Os corpos têm de ser utilizados, gastos e, por último, abandonados. O homem utiliza seu corpo mental durante *todo o ciclo de evolução nos três mundos,* desde o nascimento no mundo físico até que deixa o mundo celeste para renascer na terra. É o primeiro corpo do qual se reveste em cada ciclo de vida e o último que abandona. Depois do corpo mental, se reveste do astral para descer do mundo mental ao mundo das emoções e o abandona quando deste mundo emocional ascende ao mental. Finalmente se reveste do corpo físico ou de ação, que abandona ao morrer na terra, ou seja, quando do mundo físico ascende ao astral em seu caminho para o mental.

Portanto, vemos que o homem está revestido de três corpos ou roupagens

inseparáveis durante a série de reencarnações, e sobrevestido de outros três corpos ou roupagens transitórias e separáveis, que nascem e morrem e cuja matéria componente reverte à massa geral de seu respectivo mundo, para fazer parte de outras agregações de matéria mineral, vegetal, animal e humana. Pode-se dizer que durante cada uma das três etapas de sua vida o homem tem seus corpos em arrendamento, e também assim não são sempre as mesmas as partículas que os constituem, mas que estão em contínuo fluxo e refluxo de assimilação e desassimilação. Daí o contágio das enfermidades e da saúde; o das covardias e dos heroísmos; das superstições e dos nobres pensamentos. Continuamente passam de uma a outra pessoa partículas dos três corpos mental, astral e físico, e cada um de nós é responsável pela índole mórbida ou saudável de suas próprias emanações físicas, astrais e mentais.

As partículas de matéria adequada aos elevados pensamentos, nobres emoções, pura e límpida conduta se aglomeram ao redor de nós formando uma atmosfera de saúde moral, mental e física, enquanto que as partículas de matéria adequada a baixos pensamentos, emoções grosseiras e conduta libertina criam um ambiente mórbido repleto de germes patogênicos de toda espécie. Há micróbios morais e mentais, como os há físicos.

(1). Este ciclo ou período é computado pelo tempo gasto entre um nascimento e o seguinte renascimento no mundo físico, ou seja: dois nascimentos sucessivos na terra.

(2). Necessidade latente em todo o homem de alcançar o progresso.

(3). Obra citada - Estância 15.ª - 7 (Biblioteca Orientalista, Ed. 1908). (N. do T.)

(4). A autora escreve esta frase entre aspas para dar a entender que os hinduístas consideram quíntuplo nosso universo, apesar de ser sétuplo, porque prescindem por inexequíveis à compreensão humana dos dois planos superiores: o *anupâdaha* (segundo) e *âdi* (primeiro). (N. do T.)

(5). Convém advertir que esta classificação não corresponde ao significado corrente das palavras que a expressam, e sim equivalem respectivamente à matéria *nirvânica* (etérea), *búdica* (aérea), mental (ígnea), aquosa (astral) e terrestre (física). Sem esta distinção entre as nomenclaturas *purânicas* e teosóficas, resultaria para o leitor amigo destes estudos lamentável confusão. (N. do T.)

(6). Analogamente no mundo astral se encontram as modalidades *astrais* das matérias *nirvânica*, *búdica* e mental; no mundo mental, as modalidades *mentais* de matéria *nirvânica* e *búdica*; e no mundo búdico, a modalidade *búdica* da matéria nirvânica e assim indefinidamente. (N. do T.)

(7). Muitos cientistas e eruditos modernos incorreram no grave erro de designar os antigos de ignorantes porque consideravam como *elementos* a terra, a água, o fogo e o ar. Se a ciência acadêmica não fosse tão presumida e pretensiosa, e em vez de papaguear nas cátedras, indagasse o verdadeiro espírito da antiga sabedoria certamente compreenderia que a elementaridade da terra, água, fogo e ar, nada tem que ver com sua constituição química. (N. do T.)

(8). Esta palavra não significava naquele tempo simplicidade de substância considerada, e sim diversidade de graus de condensação. (N. do T.)

(9). Os corpos átmico, *búdico* e causal constituem a tríade superior do homem, designada teosoficamente por *Âtmâ-Buddhi-Manas*. (N. do T.)

Capítulo II

A Consciência Personificada

A Consciência nos corpos - Ao estudarmos a atuação da consciência desde seu centro, através dos corpos que a envolvem, surpreende-nos sua individualidade. É como uma corrente que tivesse passado através de diferentes classes de matéria e tivesse produzido distintos efeitos, o mesmo que uma corrente elétrica que pode passar por diferentes fios condutores e produzir luz ou calor, segundo a resistência que encontre, sem deixar, no entanto, de ser a mesma eletricidade. Também é cabível compararmos a consciência à luz das lâmpadas elétricas, que é sempre branca embora, devido à cor de tulipa, pareça verde, azulou encarnada.

A consciência, como quer que seja a maneira pela qual os observadores dos seus fenômenos a estudem, desde a periferia até o centro, ela é classificada em três estados, pelos psicólogos orientais e ocidentais: 1º a consciência ordinária em contato perceptível com o mundo físico. Os orientais a denominam *jâgrata* e os ocidentais, *vigilica;* 2º a consciência em estado de sono normal ou em êxtase induzido por processos físicos, a qual não percebe o mundo físico, e sim o mundo astral com o qual está relacionada. Os orientais chamam-na *svapna* e os ocidentais, *subconsciência; (10)* 3º a consciência de sono. profundo ou arrebatado induzido pelas práticas de raja-yoga, a qual não percebe o mundo físico nem o astral, mas que está em contato com o mental. Os orientais a denominam *sushupti* e os ocidentais *subliminar.*

A consciência percebe mais intensamente o mundo para o qual dirige sua atenção, que para a maioria das pessoas é o físico durante o dia. Mas, pondo de parte toda deliberada pratica de yoga, a consciência de um artista ou de um pensador pode concentrar-se tão intensamente em uma sublime ideia ou emoção, que não se apercebe do mundo físico e queda-se *pasmada* ou *absorta,* como vulgarmente se diz.

Além disso, muitos psicólogos ocidentais já admitem, como sempre sustentaram os psicólogos orientais, que a consciência não se contrai privativamente ao operante por meio do cérebro físico, e assim aceitam a *subconsciência* para explicar certos fenômenos mentais muito alheios à atividade física da consciência. Não obstante, a denominação de *subconsciência* não exprime com a necessária exatidão o conceito, e no máximo poderá servir para indicar quanto a consciência em vigília deixou atrás de si, chamando *superconsciência* ao que é relativo ao futuro e apenas tem um pequeno contato com a atuação do cérebro.

O estudo dos fenômenos hipnóticos mediúnicos e psíquicos vão convencendo aos psicólogos ocidentais de que a consciência transcende o corpo físico e se serve do cérebro como órgão de atuação, mas não é produto deste órgão segundo opinam os materialistas do século passado.

Os psicólogos do Oriente sempre reconheceram que a consciência existe independentemente do corpo físico, ainda que dele se utilize como instrumento enquanto estiver no mundo físico, donde o homem, o Espírito imortal, é constantemente "o morador do corpo", o inquilino de uma casa que não é o seu único domicílio; e um dos objetivos da ciência do yoga é despertar a consciência humana de modo que se aperceba de outros mundos mais sutis que o físico e seja capaz de notar a atuação da consciência em seus diferentes corpos e de poder concentrá-la em qualquer dos três mundos em que vive, abarcando-os em ininterrupta memória.

Incorporação da Consciência - Ao traçar-se a circunferência de um círculo, pode-se começar por qualquer de seus pontos e tornar a ele depois da volta completa. O ponto de partida é convencional. Assim também o círculo ou ciclo de uma vida humana nos três mundos pode ser começado em qualquer dos seus pontos. Não obstante, é costume tomar-se por início o nascimento na terra com o corpo físico, pois tem este a vantagem de ser sólido," tangível e mui conhecido do leitor. Porém existe a desvantagem de se considerar os corpos do homem em ordem inversa à do revestimento, de modo que à primeira vista parece que o corpo mental, o mais interno dos três, começa a atuar depois da morte física, em vez de atuar, segundo o faz incessantemente, *durante toda a vida -no corpo físico e depois da morte.* Começando a contar o ciclo de vida com o nascimento na terra, dá-se à morte física uma excessiva importância e parece uma quebra ou interrupção da vida do homem, como se entrasse ao morrer em uma estranha ou ignorada região, em vez de um país, já por ele muito conhecido.

Para evitar este inconveniente, parece-me preferível tomar outro ponto de partida e considerar os corpos do homem na mesma ordem em que se vá revestindo deles, isto é, ao começar em novo ciclo de vida. Por isto defini, no capítulo anterior, o ciclo da vida dizendo que abrange "desde o começo de uma descida ao mundo físico até abandonar o mundo celeste para retornar ao físico". Cada vida humana percorre a circunferência de um círculo circunscrito aos três referidos mundos; e, portanto, pode escolher-se para ponto inicial qualquer parte da circunferência. Eu, por exemplo, escolho aquela em que o homem se reveste do primeiro corpo da sua nova peregrinação, ou seja, o corpo mental, porque muito embora seja um novo ponto de partida, facilita de modo mais claro a compreensão do estudo.

Possivelmente o leitor profundamente científico ache estranho o emprego da palavra "círculo", porque esta figura geométrica, como sabemos, tem por limite a curva chamada circunferência, que contorna e se completa ao voltar ao ponto de partida. Portanto, a vida humana, resultaria neste caso algo semelhante a uma roda sem raios na qual o homem giraria repetidamente sem resultado algum. O reparo é justo, porque a evolução do homem não pode ser representada fisicamente por uma série de círculos concêntrico e sim por uma espiral. A curva não se fecha em si mesma sim ascende até chegar mais além do ponto inicial; e, portanto, o novo ciclo ou período de vida começa num ponto situado em nível superior ao da vida precedente, de modo que a cada nascimento na terra o homem traz mais do que trazia no nascimento anterior. O ciclo de vida é como os anos na terra, que sempre são os mesmos na sucessão dos meses e estações, e, no entretanto, o

corpo, as emoções e a mente da pessoa são diferentes de ano para ano, ao par dos períodos naturais de crescimento e transição.

(10). Evidentemente é uma denominação imprópria, porque o prefixo *sub* denota inferioridade, e o estado de consciência a que se refere o texto é superior à vigília, pelo que devia chamar-se superconsciência. (N. do T.)
(11). Sem dúvida esta solidez não é absoluta, mas apenas relativa aos corpos astral e mental. (N. do T.)

Capítulo III

A Roupagem dos Corpos

Explicado o motivo de troca do usual ponto de partida, consideremos o homem no final de um ciclo de vida, quando já assimilou todas as experiências que levou consigo para o mundo celeste, experiências estas colhidas na sua última estada na terra. Seu corpo mental está desgastado e já não lhe serve. O Espírito imortal, o homem verdadeiro, reconcentra em si as capacidades dimanantes das experiências mentais, emocionais e físicas adquiridas nos mundos inferiores, armazena-as potencialmente e as assimila atuando sobre elas durante um período mais ou menos longo, segundo o maior ou menor desenvolvimento de sua consciência. Em seguida dirige a atenção para fora de si, e mediante um núcleo de matéria mental que reteve como laço remanescente, atrai da massa de matéria do mundo mental, uma porção de qualidade adequada ao prosseguimento e desenvolvimento de suas potências. Com esta porção atraída, de radiante e refulgente matéria, elabora um corpo mental muito melhor do que o abandonado por imprestável, e mais apropriado para atualizar as superiores potências extraídas durante sua longa vida celeste. De outra forma, dispõe os órgãos do novo corpo para o desempenho das funções mentais durante toda vida que começa, porque de dia para dia, de ano para ano, no completo ciclo da nova existência em que entra, o dito corpo mental deverá lhe servir de instrumento de manifestação nos mundos inferiores.

Apesar de tudo isto, limita-se consideravelmente a auto-expressão do verdadeiro homem. Seu novo corpo mental está plasmado com matéria das diversas densidades: sólida, líquida, gasosa e etérea da matéria do mundo mental; e como não as tenha levado ao realizar as experiências de sua vida anterior, delas não se recorda. É o novo corpo mental uma criação de suas artísticas faculdades como Espírito imortal, e caso esteja bastante evolucionado, será capaz de infundir no referido corpo mental algumas de suas inerentes recordações e algo de suas peculiares faculdades divinas que relampaguearam no cérebro físico com os fugores do gênio. O verdadeiro homem é a supraconsciência na mais ampla acepção desta palavra, conforme veremos mais adiante. Entretanto, consideremo-lo como elaborador dos corpos que lhe hão de servir de roupagem ou instrumento de manifestação nos mundos inferiores. Convém acrescentar que até aí não está o homem muito evolucionado, guiam-no na elaboração dos seus copos os anjos ou devas do sétimo céu. Diz uma escritura hinduísta: "Os devas oferecem fé a este fogo. Desta oferenda surge o rei Soma." (12) A fé significa o núcleo de matéria mental retido pelo homem de uma à outra vida. O rei Soma simboliza o novo corpo mental. A ulterior descida está também indicada nos *Upanishadas*, conforme veremos.

O corpo mental é a primeira roupagem do homem ao descer do ciclo para a terra. Não obstante, a palavra *descida* somente pode ser empregada no sentido figurado, porquanto os mundos se interpenetraram mutuamente e o ciclo está sempre ao redor de nós, muito

embora a roupagem física nos separe dele e nossa consciência não o perceba através da densa matéria dos corpos físico e astral. É como se andássemos às cegas em pleno sol com uma espessa venda sobre os olhos.

Interceptação de potências - O corpo mental intercepta algumas potências ou faculdades da consciência atuante no corpo causal, o que quer dizer que esta consciência se enfraquece e eclipsa em certa graduação. Não pode ver atrás de si o caminho que percorreu, pois o intercepta o novo corpo mental. É o mesmo que se tivéssemos em torno da cabeça vários olhos para ver ao mesmo tempo em frente, atrás e dos lados, e ao nos investirmos do corpo mental, se nos tapassem todos os olhos menos os da frente. Também pode ser comparado à descida, por uma escada de caracol, de uma torre com muitas janelas em suas paredes, pelas quais a cada volta da espiral não veríamos o panorama que tivéssemos apreciado das anteriores. As faculdades da consciência necessitam de órgãos elaborados com a matéria do mesmo mundo em que há de funcionar. Cada corpo que se sucede é uma nova limitação ou decréscimo de nossa vista espiritual.

O *corpo dos desejos* - Emprego aqui a palavra desejo em seu significado geral, muito embora se possa aplicar à atração ou repulsão de múltiplos objetos. A consciência procura desfrutar o prazer e evitar a dor, motivo por que propende para os objetos de prazer, recusando os dolorosos. O prazer pode elevar o homem - a um supremo êxtase de amor, devoção e sacrifício ou atirá-lo ao mais profundo plano de luxúria bestial, ou dizendo melhor, infrabestial, pois raramente se constata dor ou prazer no reino animal. Do mesmo modo como o homem pode se elevar acima do bruto, também pode se depravar até muito abaixo dele. Sempre que o desejo de prazer busque um objeto prazeroso, a consciência tem de dispor de um centro sensorial para a tentação e de um órgão também sensorial para a atividade.

Os centros sensoriais estão no corpo dos desejos ou corpo astral, e os órgãos sensoriais no corpo de ação ou corpo físico. Os sutilíssimos desejos em que intervém poderosamente o pensamento se chamam emoções, e a matéria de que estão formados os centros sensoriais é do grau mais sutil do mundo astral, muito embora também se encontre nele matéria mental interfundida com o astral, da mesma sorte que o éter interpenetre os sólidos, líquidos e gasosos do nosso corpo físico. A matéria astral de grau mais denso e grosseiro serve para expressão dos desejos ignóbeis e maus.

Quando o homem, ajudado pelo seu *deva* ou anjo custódio, chega a certo ponto na construção do seu corpo mental, vivifica o núcleo de matéria astral que consigo reteve latente e inativo durante sua larga permanência no mundo celeste. (18) As Escrituras hinduístas dizem que este núcleo de matéria astral se ofereça a Parjanya, o *deva* da chuva ou da água. Em todas as religiões a matéria astral está simbolizada pela água, e portanto na citada frase se usa a água como símbolo do corpo astral ou segunda roupagem do homem. É o corpo instrumental da consciência Svapna ou superfísica que atua durante o sono comum do corpo físico, e o homem o conserva até sua passagem do mundo astral para o mundo mental depois da morte física. Está o novo corpo astral construído em congruência com o mental já parcialmente formado, pois deve ser formado logo em

seguida, da mesma forma que se ajustam em um mesmo tom os bordões e primas de um violino. Se existe discordância embora passageira, dela resultará muitas aflições.

Também esta segunda roupagem intercepta ou eclipsa algumas faculdades da consciência, que não encontram na matéria astral a plasticidade suficiente para todas as suas manifestações mentais. Os apetites, concupiscências, desejos, paixões, vícios e emoções têm no corpo astral seu campo de manifestação, e suas violentas vibrações afetam o corpo físico até o ponto de ocasionar fenômenos de que trataremos mais adiante.

O *corpo físico* - O homem não intervém na construção deste corpo. Os *devas* vivificam o átomo físico permanente, assimilando nele substância terrestre mineral, vegetal ou animal e o misturam entre os alimentos do pai escolhido para o próximo nasciturno. Do pai passa para o átomo permanente à mãe eleita, e no momento da concepção, começa o *deva* encarregado do serviço a construir o corpo físico, regulando-se pela planta ou esboço que os Senhores do *Karma* lhes confiaram para modelar a matéria física em forma adequada ao esgotamento do *karma* de forma regulada durante a vida física. Desta matéria elaboram-se os órgãos sensoriais relacionados com os centros do corpo astral, e o cérebro ou órgão da mente relacionados com o corpo mental. O corpo físico é o que vive menos, pois fica abandonado e inutilizado com a morte física. Assemelha-se a um abrigo, manta, capa ou gibão de contínuo de repartição, porque todas as noites nos desprendemos dele durante o sono, muito embora mantendo com ele um magnético laço de relação; e enquanto o corpo físico dorme, podemos atuar revestidos dos corpos astral e mental no mundo astral, donde vemos os nossos amigos, auxiliamos os desvalidos, consolamos aos tristes e praticamos o amor e a misericórdia, ou também, o ódio e a crueldade se estivermos sob o domínio de paixões.

O homem pode aprender a viver livremente no mundo astral e aumentar a receptividade do cérebro às vibrações superfísicas, porque o corpo de carne não constitui forçosamente um cárcere, e sim pode ser uma habitação cuja chave o homem possua. O corpo físico é o único que a maioria das pessoas está constantemente tomando e desejando, muito embora não se apercebam dele em sua rotineira vida terrena.

(12). Brhadaranyakopanishat, VI, II. 9.

(13). Em terminologia teosófica chamam-se átomos permanentes os núcleos de matéria mental, astral e física que o verdadeiro homem retém consigo de uma a outra vida.

Capítulo IV

O Homem Revestido

Já estamos com o homem completamente revestido de seus flamejantes corpos e disposto a colher novas experiências no mundo físico.

De *per si,* é o verdadeiro homem uma Inteligência imortal e espiritual a que se dá o nome de Mônada ou Trino Espírito, porque é o trino e um com o Logos ou *Ishvara* de quem seminalmente procede. É uma Consciência com três aspectos ou qualidades distintas, porém, inseparáveis. No Logos ou *Ishvara* estas três qualidades ou aspectos são: Existência, Sabedoria e Felicidade, simbolizadas exotericamente em *Brahmâ*, *Vishnu* e *Shiva* da Trindade hinduísta. Na Mônada, inerentemente ternária, as três qualidades são:
Existência, Conhecimento e Felicidade.

A eterna *Mônada* ou Espírito ternário, para desenvolver a sua interna semente de vida, se apropria de um átomo de matéria átmica no qual se manifesta como Poder ou Vontade; outro átomo de matéria *búdica*, no qual se manifesta como Sabedoria; e outro átomo de matéria mental, no qual se manifesta como Intelecto. Assim o Espírito ternário se converte na *Mônada* investida, ou seja em *Atma-Buddhi-Manas*, equivalente por suas qualidades à Vontade-Sabedoria-Inteligência. É o "imortal Governador interno", a imortal Inteligência espiritual manifestada em sua verdadeira natureza e disposta a evolucionar a favor de experiências adquiridas nos três mundos inferiores, por meio de outros três corpos mais densos e mortais, de sorte que as ditas experiências lhe sirvam de alimento nutritivo a suas roupagens superiores. Assim diz simbolicamente um Upanishad que os devas se alimentam dos homens. O átomo átmico se espraia ou se restringe à vontade da *Mônada* e forma uma roupagem simples e inteira. O átomo *búdico* atrai outros de sua mesma natureza que, interfundidos intimamente, formam uma roupagem radiante de indescritível fulgor. O átomo mental também atrai outros de sua índole e forma uma roupagem mais compacta, parecida a um tecido, que é a do Intelecto. Assim a *Mônada*, o homem verdadeiro, passa de uma vida para outra sem nascimentos nem mortes nos superiores mundos causal, *búdico* e átmico. É aquele que "despojado de todos os sentidos brilha com as qualidades de todos eles, se move e se prende sem pés nem mãos, vê sem olhos e ouve sem ouvidos". É glorioso Governador. (14) Também "o consumidor de alimentos", (15) do alimento da experiência.

A fim de colher experiências, imerge sua vida no mundo mental inferior e se apropria de uma molécula de cada uma das densidades de matéria mental inferior, análogas à das densidades *búdica*, causal, mental e física, com as quais, segundo expusemos no primeiro capítulo, se constrói, auxiliado pelo *deva*, um novo corpo mental apropriado para expressar as experiências de índole mental adquiridas durante a sua permanência no mundo celeste. É um corpo repleto de gérmens ou embriões de faculdades que ele tem de aduzir, em sua próxima vida terrena -entre as influências, já estimulantes já deprimentes, com que tropeça nas pessoas e coisas circundantes. Por meio deste corpo, o Intelecto se esforçará

em seu corpo causal em utilizar o antigo conhecimento e a adquirir outro novo. Por meio do corpo *búdico* o homem atua para formar o corpo astral, cujas mais puras moléculas estão em analogia com suas correspondentes no corpo mental, porque a união do amor e do conhecimento desenvolve a sabedoria em seu devido tempo. Também no corpo astral estão embrionárias as qualidades emotivas e passionais, e igualmente ver-se-ão estimuladas ou deprimidas pelas experiências que o homem encontre em seu ambiente.

Quanto ao corpo físico, já dissemos que o homem tem de aceitá-lo segundo o *deva* o modela, a fim de que, como órgão das atividades físicas, sirva para extinguir a porção de *karma* regulado e designado para a imediata vida terrena. O corpo físico pode ser um estorvo embaraçoso ou um instrumento harmonioso. As ações do homem em vidas passadas determinam seu ambiente na atual, assim como seus pensamentos determinam seu caráter, suas emoções e paixões e seu temperamento. Desta forma empreende a alma peregrina, o morador do corpo, seu caminho para percorrer a etapa terrena de sua viagem, ao retornar a este mundo pela porta do nascimento.

O período pré-natal - Os corpos recebem considerável influência benéfica ou perniciosa durante o período pré-natal, pois o ambiente em que vive a mãe repercute no porvir mental, emotivo e físico do nasciturno. Daí a enorme importância de formar saudáveis ambientes nos três mundos em que a mãe e o feto não cessam de viver. Os amorosos, puros, nobres e temos pensamentos de quantos rodeiam a mãe, nutrirão análogos germes do novo corpo do filho, sendo especiamente importante neste particular a qualidade dos pensamentos da mãe por sua constante influência no feto. Pelo contrário, os pensamentos maus, grosseiros, cruéis e impuros das pessoas que rodeiam e acompanham a mãe, nutrirão os germes da mesma linhagem que se encontra latente no corpo mental do feto, enquanto que a ausência de semelhantes pensamentos inutilizará a grosseira matéria mental desta classe.

O mesmo pode se dizer com relação às emoções e paixões, sobretudo destas últimas que são substancialmente nocivas. O temor, a luxúria e a cólera devem ser afastadas do sensitivo e crescente corpo astral do feto. Quanto ao corpo físico favorecerão em sua formação e beleza, harmonia, delicadeza e suavidade de cores a sã alimentação da mãe, o ar puro, a luz e o salutar ambiente.

Não se deve olvidar a relação entre os corpos físico e astral, porque neste último se levantam violentas sacudidelas ou estremecimentos vibratórios, as intensas emoções e paixões cujos choques podem se transmitir ao corpo físico do feto, determinando deformidades ou paranoicos. O terror da mãe prejudica perigosamente a parte física e astral do feto.

Disto se deduz quão poucos meninos dos bairros miseráveis de nossas cidades podem nascer saudáveis debaixo das atuais condições de existência, que contrastam com o sólido cuidado com o qual os gregos, verdadeiros amantes da beleza, rodeavam as mães.

Não é suficiente cuidar do recém-nascido, porquanto o período pré-natal resguarda e prepara em grande parte seu futuro, e os ambientes mental e moral entranharão melhores ou piores futuros que o ambiente físico.

Os *samskâras* pré-natais dos hindus são o reconhecimento, por parte da misteriosa e científica religião hinduísta, da importância de pulsar as notas hamônicas dos períodos de desenvolvimento. Necessária para a saúde é a obediência às leis da natureza, que nisto como em tudo são a expressão da lei de Deus. Porém a maioria das pessoas desconhece as leis da natureza, mais por descuido do que por deliberado menosprezo. Domina-se a natureza pela obediência, e seus mais apreciados dons estão à disposição dos que a obedecem, e como prêmio de sua obediência, serve-os voluntariamente e põe a seus pés todos os seus tesouros.

(14). Svetashvataropanishat, III, 17-20.
(15). Brhadaranyakopanishas, IV, 24.

Capítulo V

Corpos Infantis

Os corpos infantis são muito sensíveis às influencias suprafísicas, e durante os primeiros anos de sua vida nos mundos inferiores o homem pode modificá-los notavelmente, sobretudo o astral e físico na primeira infância. Na generalidade das crianças não está o homem verdadeiro ou ego em íntimo contato com seus corpos até os sete ano e idade, e a frequente observação de que raras vezes se manifesta o raciocínio mental antes da referida idade conduziu à crença de que a educação as crianças não deve começar antes dos sete anos.

De fato, durante a primeira infância está o ego revestindo-se de seus corpos inferiores e sua consciência não toma plena posse deles antes do sétimo ano de vida terrena. Notáveis alterações vão se efetuando no cérebro físico. As células ou neuromas que têm de servir de órgãos à faculdade raciocinal, lançam umas raízes chamadas "dentritas", as quais formam uma rede e, se, atraem por seus extremos sem se tocarem, porém constituindo condutos de franca comunicação intercelular. O desenvolvimento das "dentritas" está estimulado pelo enlace das sensações da criança com os objetos externos que as produzem, e pela recordação deste enlace. A criança sente fome e o corpo reclama alimento. A mãe lhe acalma a fome dando-lhe de mamar; e depois de muitas experiências, a criança relaciona a presença de uma mulher com a sensação da fome e da sua inquietude, até que por último relaciona esta sensação com a presença de uma mulher determinada, sua mãe, a quem reconhece então e prefere às demais mulheres. O mundo da criança está constituído por aparições e desaparições, presenças e ausências, igualmente incompreensíveis para ela, que vão e vêm sem fixidez. Não pode segui-las; porém, ao cabo de muitas experiências, reconhece que, embora não as podendo ver, pode invocar a aparição do objeto desejado em seu limitado mundo por meio do pranto, estabelecendo assim outra relação entre si mesma e o estranho mundo exterior. Por haver tido análogas experiências em muitas vidas precedentes, o ego utiliza seu infantil corpo físico com alguma habilidade e ajuda-o a estabelecer mui rapidamente suas primeiras relações; porém as crianças diferem muito no que as mães e as preceptoras chamam "fazer caso" de algo, pois isto depende em grande parte da idade do ego e da classe de corpo que lhe foi determinado como mais apropriado para extinguir seu *karma* em períodos. O estabelecimento da relação entre a consciência operante no corpo infantil e os objetos externos é a base de todo pensamento. Uma sensação e o reconhecimento do objeto externo relacionado com ela, já lhe preceda, já lhe siga, pode considerar como alfabeto do pensamento.

O resultado prático disto na educação da criança é que se e deve induzir a observar; chamando-lhe a atenção o enlace entre suas sensações e os objetos, para o qual deve

exercitar sua memória. Durante a infância os sentidos são mais agudos e convém aproveitar esta vantagem para educá-lo. Entretanto, não se lhe deve incitar o raciocínio, no significado lógico desta palavra, porque seu cérebro não está apto, todavia, para este esforço, e os educadores ignorante classificam de distração ou estupidez a natural incapacidade e inferir uma conclusão geral de observações similares. Não e distração nem estupidez, e sim prematuridade física.

Corpo físico e astral - O corpo astral da criança é sumamente receptivo, e transmite suas impressões aos centros sensoriais docérebro. Daí o fato da criança não saber distinguir entre uma forma física e outra astral, sucedendo às vezes tratar com um companheiro astral sem distingui-lo do de carne e osso. Sendo os seus pais sensitivos, a criança lhes falará sem subterfúgios de seus amigos astrais; porém, quedar-se-á perplexa, acabando por se mostrar insegura e reservada, se estupidamente lhe respondem com estas frases ou outras parecidas: "Não tem ninguém aqui"; "não diga tolices"; "não digas mentiras tolas", etc. Verdadeiramente, disse o *Words-Worth,* que "o céu está em nosso derredor durante a infância" e isto não é figura de retórica e sim vívida realidade.

Quando os tecidos do corpo são desde já menos receptivos, as sombras do cárcere se projetam sobre a criança que cresce, até que o ego envolto em sua "túnica de carne" com o que atinge a incorporada parte de sua consciência, queda-se interceptado *no corpo físico,* dos mundos sutis, cujos fenômenos se desvanecem à luz do dia (melhor fora chamá-la obscuridade) da consciência vigílica, que para o ego encarnado é a única realidade enquanto está no corpo físico. Porém, convém recordar que fora deste corpo o ego não é tão obtuso como quando nele está, e sempre está fora dele a maior parte do ego.

Capítulo VI

Corpos Adultos

O *corpo físico e os fenômenos a ele relacionados* - O corpo físico está composto de matéria sólida, líquida, gasosa e quatro estados etéreos não reconhecidos entretanto pela ciência acadêmica. Para distinguir um dos outros quatro estados etéreos de matéria física, denominamo-los: etéreo, metaetéreo, hiperetéreo e atômico. (16) Portanto, em nosso corpo físico entram como componentes os estados sólido, líquido, gasoso, etéreo, metaetéreo, hiperetéreo e atômico da matéria física, dos quais a ciência comum só reconhece cinco, a saber: sólido, líquido, gasoso, radiante e etéreo.

Já dissemos que o corpo físico é por excelência o corpo da atividade, e que por meio de seus distintos e apropriados órgãos podem se manifestar em nosso corpo físico a Vontade, a Sabedoria e o Intelecto.

Não temos necessidade de nos determos a estudar os órgãos do corpo físico, porque os tratado de anatomia e fisiologia já os descrevem prolixamente porém só consideraremos a parte sutil dos dito órgãos ,constituída por matéria física etérea.

O duplo-etéreo - A ciência não admite todavia a existência deste duplo-etéreo, muito embora já a pressintam alguns cientistas.

Nosso corpo físico consta de duas partes separáveis: a parte densa, constituída por matéria sólida, líquida e gasosa, e a parte sutil, constituída pelos quatro etéreos, que em conjunto é denominada duplo-etéreo porque se compõe de éter que é exata duplicata da parte densa, ou antes, a perfeita película matriz em que, partícula por partícula, se constrói a parte densa.

Assim como, ao submergir um lenço na água, o líquido, e o ar dissolvido na água penetram pelos interstícios do tecido sólido, da mesma forma em nosso corpo físico a matéria sólida delimita os contornos da forma e constitui a armação, ao passo que os demais estados de matéria penetram entre os interstícios da sólida.

É indubitável que o éter invade todas as partes do corpo denso, como toda a classe de matéria sólida, líquida e gasosa. As correntes magnéticas que se observam no interior do corpo físico demonstram a presença do éter; um cientista londrino conseguiu por meio de um engenhoso aparelho tornar visível uma aura nebulosa de alguns milímetros de espessura ao redor do corpo humano. Não obstante, esta experiência é um indício e não prova plena para a ciência acadêmica; porém, os clarividentes descrevem o duplo-etéreo como uma nuvem que envolve e interpenetra o corpo denso. Contudo, a existência e separatibilidade do duplo-etéreo é o único fundamento racional para explicar grande número de fenômenos, enigmáticos, todavia, para os cientistas ocidentais.

Síncope, hipnose e êxtase - Na síncope, chamada vulgarmente desmaio, perde-se a consciência física, porém não se quebra o laço da parte densa com a etérea, que

magneticamente ligada com aquela não pode funcionar por si mesma. Pela influência de um alcalóide ou qualquer outra causa, desprende-se o duplo-etéreo sem separar-se do todo; porém, quando cessa.a causa eficiente da síncope, o duplo-etéreo torna a ajustar-se à sua contraparte, e este ajuste se manifesta em prantos, gritos, suspiros ou outros sintomas de mal-estar físico.

Na hipnose ou sono anormal, se o indivíduo goza de boa saúde, o duplo-etéreo não se separa e nem sequer se desliga do corpo denso e sim quedam ambos em seu entrelaçamento comum, continuando sem alteração as funções físicas, enquanto que o ego atua em seu corpo astral e superiores independentemente do físico. O mesmo sucede no êxtase. Porém, se o enlace do corpo denso com o duplo-etéreo é anormalmente débil no indivíduo, separam-se quase sempre ambas as contrapartes no estado de êxtase, e o duplo-etéreo se desprende do corpo denso, muito embora sem romper o enlace. Esta é a condição mediúnica que proporciona às desencarnadas entidades astrais um veículo próprio para se infundir nele e restabelecer em seguida o encaixe no corpo denso, sem o qual não poderia manifestar-se no mundo físico, salvo se for um experiente ocultista.

A morte - Ao ocorrer a morte física, não no momento exato de expirar, o duplo-etéreo se desliga por completo do corpo denso que, sem sua sutil contraparte, já não pode subsistir como organismo coerente e vai se desintegrando até que toda a matéria que o constituía recobre sua independência. Pouco a pouco o duplo-etéreo se desprende do cadáver, que se vai esfriando, primeiro nas extremidades e depois em todo o corpo. O momento preciso da morte não é quando a pessoa expira, muito embora possa com ele coincidir, e sim quando o duplo-etéreo se desliga por completo do cadáver, deixando-o hirto no leito mortuário. Então os clarividentes veem flutuar o duplo-etéreo como roupagem externa do ego, que continua vivendo em todos os seus corpos, menos no físico denso. Não obstante, o duplo-etéreo vai se desintegrando também *pari passu* com o cadáver até deixar o corpo astral como roupagem externa do ego. Daí ser o incineramento dos cadáveres melhor meio de apressar sua desintegração e com ela o duplo-etéreo, que assim não pode ser aproveitado pelas entidades maliciosas e intrometidas do mundo astral.

Utilidade do duplo-etéreo - Todas as correntes vitais de magnetismo, calor, eletricidade, etc., fluem pelo duplo-etéreo que também está enlaçado com o corpo astral, cujas vibrações recebem para transmiti-las ductilmente ao corpo denso.

Nas pessoas sadias o duplo-etéreo não se separa nunca durante a vida terrena de sua contra parte, a menos que seja desligado pela ação dos anestésicos. Neste caso o corpo denso queda insensível e indolente aos contatos externos, muito embora o prejuízo se infira no sistema nervoso, porque os nervos por si só não são receptivos e sim tão-somente transmissores da sensação.

Abuso do duplo-etéreo - Existem pessoa nas quais o enlace entre ambas as partes do corpo físico não é muito íntimo, motivo pelo qual uma grande porção do duplo-etéreo se afasta de sua contraparte densa deixando-a meio inconsciente ou inconsciente de todo. Nestas circunstâncias fica, não obstante, suficiente éter no corpo denso para servir de meio

transmissor às correntes vitais, muito embora debilmente, pois se amortece a respiração e se deprime a circulação, sem entretanto ficar interrompida por completo. Quando, durante a vida física, o duplo-etéreo se desliga desta maneira, pode servir de instrumento a qualquer entidade astral e tomar-se visível agregando-se-lhe partículas da atmosfera circundante do corpo do médium. Assim, por exemplo, o famoso médium Eglinton diminuía consideravelmente de volume corporal com prejuízo de sua saúde durante as múltiplas materializações que se efetuavam por seu intermédio.

As aparições físicas em uma sessão espírita provêm do abuso do duplo-etéreo do médium, mercê do qual pode a entidade astral mover os objetos materiais, tocar instrumentos musicais, tocar as pessoas circundantes, etc., assim como modelar em várias forma, por ser muito plástico às correntes mentais dos presentes, estejam ou não em corpo físico. Na escritas automáticas a entidade astral se vale tão somente da contraparte etérea a mão e braço do médium. Em resumo, as entidades astrais podem abusar de diferentes modos de um duplo etéreo, porque normalmente são incapazes de se introduzir no mundo físico e é perigoso estender pontes entre ambos.

Visão etérea - A ulterior evolução ampliará nossa consciência física, colocando na categoria dos sentidos, o que o mais das vezes é agora supraconsciência, sob o aspecto físico. (17)

Todos os fenômenos de índole etérea que, no entanto, a consciência vigílica não percebe, correspondem à ordem da supraconsciência física. A faculdade perceptível da consciência só pode por enquanto atuar por *meio* dos cinco sentidos como consciência vigílica, cujo campo é muito limitado. Se considerarmos o sentido da vista, vemos os sólidos, os líquidos e os gases coloridos, porém não o ar nem os gases incolores. A ciência nos fala dos raios invisíveis infravioletas e também dos invisíveis infra-roxos, o que significa que das múltiplas vibrações etéreas, o homem humano só percebe sete modalidades e não as demais.

Se trocarmos os limites vibratórios do olho humano, trocaríamos também nosso mundo visual. Se o olho fosse capaz de funcionar ao contato de certos raios elétricos, os corpos opacos se tornariam transparentes e os transparentes em opacos. Veríamos através das paredes, porém, não através dos cristais das venezianas. Coisa parecida ocorreria com os ouvidos e demais órgãos dos sentidos. O que para nos e obscuridade, é luz para a formiga. Não podemos seguir pelo cheiro o rastro de um amigo, como o faz o cão, e existem ruídos mais altos e mais baixos que nossa escala auditiva. Em um universo de inumeráveis vibrações só podemos perceber um diminuto número delas, bem que sempre em crescente, segundo nos adiantamos em nossa evolução.

Muitos animais possuem vista etérea (18) e também alguns seres humanos de escassa mentalidade que vivem em determinadas condições climatológicas. Essa faculdade desaparece nos indivíduos civilizados; porém, pode ser desenvolvida com vantagem dentro da evolução comum por meio de esforços especializados, e deve ser uma das características da próxima etapa de evolução física.

A visão etérea percebe a presença de multidões de espíritos da natureza que atuam nas regiões etéreas do nosso mundo físico; e também é capaz de esquadrinhar a

constituição da matéria até o último.átomo físico; de ver os fantasmas ou espectros de seres humanos não despojados do duplo-etéreo (19) e este mesmo duplo encaixado no corpo denso com a sua aura de maior ou menor extensão. Em resumo, a visão etérea percebe todos os objetos pertencentes ao mundo físico e descobre sua estrutura.

Apresentemos alguns exemplos. Um ocultista atrai até si um objeto físico visível, situado fora de seu alcance manual. A visão etérea perceberá o prolongamento da contraparte etérea do braço do ocultista até alcançar o objeto, ou uma corrente magnética que o atrai, (20) quando não um espírito da natureza que leva o objeto ao ocultista. Estes são os processos usuais.

Nas curas magnéticas, a visão etérea percebe a corrente dirigida ao foco da enfermidade e nota seus efeitos. Nos diagnósticos, a visão etérea descobre a localização da doença e descreve o estado dos tecidos. Também vê os gnomos, (21) ondinas, salamandras e sílfides. Nas sessões espíritas vê sair o duplo-etéreo do médium extasiado e os fenômenos que produzem aquele e os elementos físicos, assim como a matéria extraída do médium e dos circunstantes sensitivos e a construção de formas materializadas.

Diremos a este propósito, que Guillermo Crookes investigou cientificamente as materializações com o auxílio de uma lâmpada de sua invenção, cujas debilíssimas radiações luminosas não eram capazes de desvanecer a materialização. Assim viu o médium extático distante da forma materializada, pois estas formas não suportam mais intensa luz do que a que convém aos sais químicos empregados na fotografia, A câmara escura do fotógrafo não oculta fraude alguma, e sim requer obscuridade porque a luz decompõe os ingredientes fotográficos. De idêntica forma nas sessões *espíritas* com fenômenos de forma materializada torna-se necessária a obscuridade, porque a luz as desintegraria; e assim é ignorância pueril assacar de fraude a obscuridade das sessões *espíritas.* Um duplo-etéreo ligeiramente materializado, o que se chama ordinariamente um espectro, se desvanece rapidamente diante da luz, porque não pode manter coerente sua materialização ao contato dos raios luminosos. Por isto quando uma criança tem medo de estar às escuras, se lhe deve deixar o aposento iluminado até que a mesma adormeça muito embora sejam poucas as crianças medrosas antes de se lhe incutir o medo.

Sonhos - Os sonhos relacionados com o corpo físico são de duas classes: os incoerentes e os coerentes.

Os sonhos incoerentes correspondem à arte densa do corpo físico e provem do defeito ou excesso de irrigação cerebral, ou e sangue sujo ou muito quente que estimula os tecidos do cérebro e determina a extravagante vibração das células, cujo resultado são os pesadelos e demais cenas disparatadas e sem sentido nem explicação racional. Não trataremos desta classe de sonhos, muito embora possam ser indícios das más condições em que funciona o corpo.

Mais interessantes são os sonhos coerentes ocasionados pelas impressões que recebe o duplo-etéreo, onde ficam reproduzidas em representações ativas, segundo tem comprovado a experimentação psicológica. A água roçada no rosto tem dado motivo a sonhar em uma tempestade com acompanhamentos de trovões e relâmpagos. A pressão no pescoço ocasionou um sonho de assassinato, seguido de juízo oral, sentença e execução

do assassino. Outras experiências pelo método refere Duprel em sua *Filosofia do Misticismo,* e de todos eles se infere que em consciência hipnótica ou supraconsciência, o cômputo ou noção do tempo difere notavelmente do mesmo cômputo ou noção em consciência vigílica, e daí se infere que a matéria relacionada com os ditos sonhos há de ser muito mais sutil que a matéria cerebral. O indivíduo dormindo despertou-se por um contato físico, imediatamente depois de ter caído em sono, pelo que resultou que em uma fração de segundo de tempo físico havia tido um sonho longo.

Não obstante, este método de observar a consciência hipnótica era deficiente pela insegurança, muito embora em alguns pontos satisfizesse a observação. Assim, por exemplo, a complexidade do sonho variava segundo a potência mental do sonhador. Geralmente falando, os sonhos ou sonos etéreos são de índole grotesca, como mosaicos de passados acontecimentos ou cenas derivadas de alguns acontecimentos da vida diária ou de alguma pressão externa ou interna no corpo físico. Na opressão cardíaca que o diafragma exerce nos casos de flatulência pode provir um sonho que represente a desesperada luta do sonhador contra um ladrão que o tente estrangular. A indigestão provoca muitos destes pesadelos. O ego neste momento se acha ausente do corpo físico; e o cérebro, com sua contraparte etérea, entremescla fantasticamente os fragmentos das impressões recebidas durante a vigília. O automatismo material reproduz movimentos passados que, por estar ausente a razão, se relacionam disparatadamente uns com os outros. As entidades etéreas percebem as vibrações destes movimentos e aumentam a confusão. Assim é que não devemos fazer caso dos sonhos etéreos, exceto como indícios de condições patológicas, para o qual servem algumas vezes.

Não obstante, nem os sonhos cerebrais nem os sonhos etéreos pertencem à verdadeira consciência astral, porque em ambos o ego está ausente. Segundo dissemos antes, durante o sono físico, o ego revestido de todos os seus corpos, exceto o físico fica livre de sua prisão de carne e tem então como roupagem externa o corpo astral, isto é, que vive no mundo astral, deixando o físico.

(16). Os éteres físicos também são denominado sub etéreo, etéreo, infratômico e atômico. (N. T.)

(17). As Escrituras hebraicas corroboram admiravelmente em tudo que neste sentido disse a autora, pois sem dúvida alguma se refere a um superior estado de evolução humana a seguinte passagem da profecia de Joel: *"E será que depois disto derramarei meu Espírito sobre toda a carne, e profetizarão vossos filhos e vossas filhas; vossos velhos sonharão, e vossos mancebos terão visões". (Joel,* 2:28). Interpretando esta passagem à luz racional da Sabedoria Divina, dela se conclui evidentemente a predição do futuro estado em que a humanidade inteira isto é, *toda a carne* possua o sentido da visão etérea, que não deve confundir-se com a clarividência. (N. do ***T.)***

(18). As Escrituras hebraicas também corroboram esta afirmação na passagem da burra de Balaan, que tanto excitou o escárnio dos céticos. Diz assim: *"e o asno viu o anjo de Jeova que estava no caminho com sua espada desnuda na mão; e afastando-se o asno do caminho foi pelo campo. Então o Balaan feriu o asno para fazê voltar ao caminho. Mas o anjo de Jeová colocou-se em uma senda de vinhas que tinha parede em um e outro lado. E vendo o asno ao atuo de Jeová, amparou-se contra a parede" (Números,* 22,23-25).

(19). Estes espectros são os *pretos* dos índios.

(20). A corrente magnética está engendrada pelo pensamento, imperceptível à visão etérea.

(21). As hostes de Kubera.

Capítulo VII

Corpos Adultos

(Continuação)

O corpo astral e os fenômenos a ele relacionados - Consideremos agora o corpo astral ou corpo dos desejos durante a vida física, e os fenômenos a ele relacionados, que se classificam em fenômenos correspondentes ao corpo astral, porém, manifestados por meio do físico, e fenômenos relativos ao mesmo corpo astral, quando está desligado do físico.

Continuadamente vivemos todos neste mundo com nosso corpo astral, onde têm sua vivenda os sentimentos e as emoções, ainda que se relacionem sobre o corpo físico. A alegria acelera as pulsações do coração e o medo as diminui e às vezes as paralisa. O exame da exsudação cutânea demonstra que seus componentes químicos variam segundo as emoções, apetites e paixões. Uma violenta emoção arrisca a produzir uma síncope e até mesmo a morte. Se a emoção não é muito violenta, pode produzir a histeria, o desmaio, a risada convulsiva ou o pranto. Tudo isto afeta não somente a quem a sofre como também a outras pessoas. Assim como um olhar colérico ocasiona emoção de cólera naquele a quem é dirigido caso este não seja capaz de dominar-se, assim também produz a paixão na consciência do corpo astral, em cuja matéria produz violentas vibrações relacionadas com a dita consciência, as quais se transmitem aos vizinhos corpos astrais nos que ocasionam vibrações análogas e estas por sua vez, afetam os respectivos corpos físicos. Por isto é que o histerismo, o pânico ou o entusiasmo se propagam por contágio entre as pessoas, sem razão visível para tal. Nisto se funda o preceito ético e responder ao mal com o bem, porque as vibrações de igual intensidade, porém de índole contrária, se neutralizam, ao passo que as da mesma índole aumentam o módulo das vibrações. O ego vive sem cessar no corpo astral até que entre no mundo celeste. Porém, durante o sonho, abandona temporariamente a parte densa do corpo físico, e nestas circunstâncias amplia seu conhecimento assim como pode ampliar sua ação. Às vezes, durante sua parada noturna no mundo astral, recorda as experiências passadas, e ao despertar diz que sonhou.

O verdadeiro sonho - Pode sonhar que viu um inimigo ou um amigo, ou que visitou um país estrangeiro, e tais casos são experiências positivas do mundo astral, segundo compreendermos mais perfeitamente ao tratarmos do êxtase. Às vezes durante o sonho resolvemos problemas ou tomamos decisões que ao despertar vemos com toda a clareza embora não a tomemos como avisos ou advertências recebidas, porque o homem comum não é consciente do que lhe sucede no mundo astral enquanto dorme seu corpo físico. Não

obstante, sua consciência atua então mais livremente com relação a qualquer questão de índole mental ou emocional, pelo fato de não estar entorpecida pela pesada matéria física, daí resolvê-la com maior facilidade. Também por um esforço da vontade realizado antes de entregar-se ao sono, pode focar sua atividade volitiva em qualquer pessoa, como força motora para encontrá-la e vê-la no mundo astral, com ela comunicando-se livremente.

Da força de sua vontade e da receptividade de seu cérebro físico dependerá o poder de impressionar ou não, de recordar ou não, quando desperto, o que ocorreu no mundo astral. Se o recorda, dirá que sonhou.

Quem deseje exercitar esta linha de memória deve dispor de papel e lápis colocando-os junto à cama para escrever imediatamente o que recordar, antes de despertar completamente, pois que as recordações vívidas no momento de abrir os olhos desaparecem ao cabo de alguns minutos. No mundo astral o homem pode receber ensinamentos que se vão infiltrando pouco a pouco na mente sem recordação alguma das circunstâncias em que os recebe.

O homem desperto nos mundos suprafísicos - Quando o homem chega à madureza necessária para entrar numa etapa de evolução mais adiantada, seus corpos astral e mental estão perfeitamente organizados, e não tarda em atuar conscientemente no mundo astral e depois no mundo mental. Então, vê em realidade objetiva o que antes lhe parecia sonho e se comunica positivamente com os seus inimigos e amigos de além-túmulo, pois uns e outros vivem igualmente em seus corpos astrais, muito embora ele volte ao corpo físico quando "desperta de seu sono", e os outros já não possuem o corpo físico. Isto lhe vem por completo "objetivamente" e a comunicação é até mais livre e perfeita que na vida terrestre, ao passo que para ele é também objetiva enquanto o seu corpo físico dorme; porém lhe parece sonho sua consciência vigílica.

Geralmente, um homem assim disposto, é "despertado" no mundo astral, isto é, tornado consciente neste mundo, por alguém que compreende ser ele útil ali, e por este fato guia-o nos primeiros atos. Porém, o homem que deixa o corpo físico pelo exercício de sua própria vontade o deixa com plena consciência e conhece por conseguinte tudo que o rodeia no mundo astral. Então, utiliza o corpo astral por veículo, em vez de utilizar o corpo físico, tornando-se capaz de estudar os fenômenos do mundo astral tão claramente como quando em seu corpo de carne e osso estuda os fenômenos do mundo físico, muito embora possa também, como nesse mundo, enganar-se, incorrer em erros, deixar-se levar pelas aparências, crer nas falácias de outras entidades e equivocar-se em seus juízos e observações. Em semelhantes circunstâncias, os pensamentos que emite tomam forma e ele os vê como se fossem seres estranhos a ele, arriscando-se a enganar-se com suas próprias ideias, que lhe parecerão sugeridas por outrem. Daí a necessidade de um guia experiente nos fenômenos astrais, que o intime a observar e estudar, como o faz na terra um preceptor quando seu discípulo começa a estudar uma nova ciência.

Depois adquire assim o conhecimento do mundo astral e de sua imensa variedade e condições de seres viventes, do mesmo modo que em determinado tempo conheceu o mundo físico. Encontra ali toda a classe de seres humanos com o corpo astral como roupagem externa. Ali estão os tipos anormais de suicidas e vítimas de acidentes, dos réus

executados, dos criminosos e dos perigosos elementais, dos ébrios impenitentes, dos libertinos, todos eles com seu corpo astral composto das mais grosseiras partículas dessa matéria. Também moram no referido mundo as entidades cuja repugnância da terra as move a tentar aos homens mundanos e induzi-los à perpetração de toda classe de crimes. Igualmente habitam ali animais em corpo astral e embrionário corpo mental, assim como diversas categorias de espíritos da natureza, chamados também *kama-devas* ou elementais (22) a quem estão confiadas a operação das leis naturais e a vigilância e evolução dos reinos vegetal e animal. De outro lado, em subplanos superiores existe no mundo astral *devas* relacionados com os interesses humanos, que atuam em corpo astral, e supra-homens que às vezes estão e outras não estão vivendo em corpo físico, durante suas horas de vigília.

Não é possível enumerar, nem muito menos descrever, a dilatadíssima variedade dos habitantes do mundo astral, e a esta multidão se junta, para maior confusão do neófito, a contínua mudança das formas mentais e a representação também mental, porém, revestida de matéria astral, de cenas, panoramas, quadros e lugares, tal como o vulgo das diferentes religiões os concebeu e lhe ensinou a conceber durante sua vida terrena. Porque ao despertar pela primeira vez no mundo astral, pode enganar-se quem esteja a ver a plasmação objetiva de seus próprios pensamentos, confirmando-lhe assim os erros que sustentou na terra. Assim é que enquanto o homem se familiariza com o mundo astral e pode por ele atuar em todos os subplanos tão livremente como no mundo físico, se lhe oferece à sua atividade uma obra utilíssima no ensino e guia dos recém-chegados ao mundo astral, explicando-lhes o que são e como hão de se portar, e também podem auxiliar com sua inspiração aos moradores da terra, protegendo-os contra os acidentes e servindo-lhes de guarda e amparo.

Muito embora o mundo astral seja muito mais diverso que o físico, está igualmente regido por leis naturais. As observações que em uma região do mundo astral são fiéis e verdadeiras, podem falhar em outra região diferente, do mesmo modo que diferem no mundo físico as efetuadas na zona glacial dos trópicos; nem tampouco definiria os bosques da Inglaterra a descrição dos do Brasil ou da Colômbia.

Diz-se Que o homem está "desperto" no mundo astral, quando é capaz de valer-se de seu corpo astral como veículo operante de sua consciência, quando observa, discerne e recorda os fenômenos astrais, como qualquer de nós pode observar, discernir e recordar os fenômenos do mundo físico. O homem desperto no astral não fala nem escreve deste mundo pelo que ouve dizer dele, como poderíamos falar ou escrever sobre um país cuja descrição houvéssemos lido, mas fala e escreve sobre o mundo astral, como poderia fazer um viajante que tivesse percorrido pessoalmente um país. Daí a nota de sincera e natural observação que se verifica nos livros escritos por teósofos que, dirigidos pelos seus instrutores, percorreram os mundos astral e mental, aprendendo a observar, comparar e comprovar. Os desconhecedores da Teosofia revestem de presunção quimérica a sinceridade das descrições dos mundos astral e mental; mas, quem as ler não deve considerá-las de modo algum como revelações, e sim como relatos de viagens, e quando durante o sono de seu corpo físico vá ao mundo astral, e se bem que não esteja consciente, tenha desta região do universo vislumbres que ao despertar lhe pareçam sonho, a leitura

de tais livros o ajudará a compreender o porquê de tais vislumbres. Além disso, como saiba que depois da morte física haverá de passar pelo mundo astral, procederá com prudência lendo-os enquanto estiver na terra, como poderia ler a descrição geográfica de um país que quisesse visitar. Não há necessidade que acredite no que dizem tais livros, pois quando se encontrar no mundo astral, depois da morte, lembrar-se-á de tudo quanto leu na vida física, e não ficará tão exposto aos desvios nem se considerará tão estranho naquele mundo. Deve ter em conta que, tanto acredite como não, os efeitos são os mesmos, e se é verdade o que leu nos livros não se escandalizará quando o comprovar experimentalmente, ao passo que se for falso ou se tiver tergiversado, reconhecerá a verdade.

Continuidade de Consciência - O homem que atua conscientemente no mundo astral pode ou não ter continuidade de consciência, isto é, recordar ou não, ao volver ao corpo físico, quanto viu e fez no mundo astral. A este fato, deve estar o cérebro convenientemente educado, com certas modificações em seu funcionamento. Uma melodia que compreenda três oitavas não pode ser interpretada com um instrumento que abarque somente duas. Se o cérebro tem latente a capacidade de vibrar em três oitavas, pode-se atualizar dita capacidade, porém, se o cérebro não a tem latente e se fazem violentos esforços para que reproduza as vibrações astrais, acarretarão notas falsas e discordantes, manifestadas em acidentes histéricos, irritabilidade nervosa, impressões contrafeitas e distensão das células normais do cérebro. Daí a necessidade da disciplina da yoga.

Numa etapa de evolução mais adiantada, a consciência vigílica inclui o mundo astral e não há necessidade do sono nem do êxtase para atuar conscientemente nele, bem como no físico. Em outra etapa, não obstante superior, o homem é assim mesmo consciente no mundo mental, onde aprende a funcionar livremente com muito maior utilidade e, no final, chega a ter nele sua consciência vigílica. Então vive conscientemente nos três mundos, residindo conforme sua vontade em qualquer dos três.

Clarividência e clariaudiência - O homem que devidamente educado e predisposto transmite ao cérebro físico o conhecimento adquirido com o cuidadoso estudo do mundo astral, será clarividente e clariaudiente com toda normalidade. Os mundos físico e astral estarão em seu campo de visão, e poderá focalizar sua vista em um ou outro à sua vontade. Segundo dissemos, há alguns meninos que, pela plasticidade de seus ternos corpos físico e astral, percebem alguns fenômenos de ambos, sem os distinguir claramente uns dos outros. Por isso mesmo, tem muita importância não repudiar por falsas as suas observações, a fim de impedir que se lhes desperte o sentimento do temor; e se por acaso sentem medo, se lhes colocará uma luz no seu quarto.

Também há clarividentes congênitos de muitos graus de intensidade visual, que se não educados, enxergarão as coisas muito confusamente, limitando sua visão ao mundo astral, pelo que se expõem a muitos erros, pois não acertam a perceber os indícios das qualidades nos corpos mental e búdico. Assim é que, segundo antes dissemos, acontece confundir com instrutores celestiais as formas de seus próprios e errôneos pensamentos.

Êxtase – É um estado hipnótico (23) em que o ego sai de seu corpo físico por sua própria vontade ou artificiosamente expulso pelos procedimentos de mesmerismo, sugestão, magnetismo, histeria, etc. (24) Difere o êxtase do sono ordinário em que durante este o ego queda magneticamente ligado ao corpo físico, de modo que, em caso de necessidade pode reincorporar-se o ego. Quando uma pessoa adormecida desperta subitamente em estado de terror, o coração palpita com violência, e o corpo se banha de suor, e parece como se uma entidade repugnante se houvesse acercado do corpo adormecido com o intento maligno de se aproveitar dele e sinistramente nele influenciar, e que a consciência remanescente no corpo enviará aviso ao ego em demanda de amparo e proteção. Então o ego se apressa a voltar, recobra a posse do corpo e o terror se desvanece. Ademais, no sono ordinário, o toque ou sacudidela externa do corpo, um ruído estrepitoso ou a repentina claridade de uma luz servem de chamada ao ego ausente. Porém, em estado de êxtase, não existe laço magnético entre o corpo físico e o ego, pelo que este não pode receber chamada alguma. Um dos perigos do êxtase mesmérico, sugerido por um hipnotizador ignorante das condições suprafísicas, é que o corpo fica desprovido de sua instintiva faculdade de reclamar auxílio em caso de perigo, nem tampouco é capaz de se proteger a si mesma, abroquelando-se num envoltório de magnetismo positivo.

Quando alguém que acaba de perder seu corpo físico pela morte e ansia veementemente voltar à terra, pode aproveitar-se de um corpo físico vago de seu proprietário e sem meios de se comunicar com ele. Os psicólogos modernos chamam a este fenômeno "desdobramento da consciência", e os antigos o chamavam "possessão". Chamem-no como quiser, é sumamente prejudicial para o intruso e extremamente desastroso para o legítimo proprietário e seus inimigos e amigos, para quem quer que o encontre inteiramente trocado em pensamentos, emoções, recordações e caráter; e se o fenômeno ocorreu fora de sua casa, tem de lamentar a repentina e, para eles, inexplicável desaparição de seu amigo ou parente, com todas as inquietudes e ansiedades próprias do caso.

Estas alterações ocorrem com mais frequência nos casos de epilepsia e catalepsia, e então acontece trocar o caráter da pessoa atacada até o ponto de perder por completo a memória de sua anterior personalidade. Esta perda se chama erroneamente as consequências do ataque. (25)

Consideremos agora o caso de uma pessoa vulgar posta artificialmente em estado de êxtase,)26) com o objetivo de colocar-se em consciência hipnótica e interrogá-la nessa situação.

Os psicólogos ocidentais começaram a colocar a pessoa em sono, e despertaram-na depois para lhe perguntar de que se recordava. Posteriormente a colocaram em sono e a interrogaram sem despertá-la. O sono, neste estado, era extático, isto é, o ego se ausentava do corpo, e assim não se despertava a pessoa até que lhe focassem uma luz elétrica sobre os olhos ou disparassem um tiro perto de seus ouvidos, ou lhe atravessassem a carne com uma agulha. O coração diminuía suas pancadas, a respiração apenas era percebida e o sangue circulava lentamente, carregado de resíduos carbônicos, até alcançar o estado comatoso do organismo. Entretanto, em tais condições, a pessoa respondia às

perguntas que se lhe formulavam e os resultados eram assombrosos.

As primeiras experiências desta espécie (27) foram efetuadas pelos mesmeristas do século XIX, e pelos hipnotizadores no fim do mesmo século. O mesmerismo e o hipnotismo são dois procedimentos muito diferentes, embora ambos deixem o ego livre de seu corpo físico, e consintam que o estudante os distinga.

Mesmerismo - Dá-se a este procedimento o nome do seu inventor, o médico alemão Frederico Antônio Mesmer, residente em Paris em 1778, que descobriu o modo de consumir em sono a uma pessoa submetida à sua influência pessoal, exercida com tal propósito e auxiliada por artifícios excitadores da imaginação. Seu procedimento foi condenado por uma comissão de eminentes médicos franceses encarregada de examiná-lo, e o mesmerismo caiu no anátema da ciência ortodoxa. Não obstante, continuou sua prática que foi tida por charlatanismo apesar dos notáveis resultados com ela obtidos na cura de algumas enfermidades e na anestesia local durante as operações cirúrgicas, sem que o paciente perdesse o conhecimento.

O mesmerismo consiste em relacionar a vontade da pessoa com a do operador, a fim de provocar o sono. O operador fixa sua atenção nos olhos do paciente, que por sua vez olha fixamente o operador, e então este "faz passes" sobre a fronte do paciente ordenando-lhe que durma, como de fato dorme e se transporta ao estado de êxtase. Isto no que se refere ao aspecto visível do procedimento.

Quanto à sua característica invisível, sucede que o operador emite de si uma força parecida com o magnetismo, uma energia vital regulada pelo pensamento que a acompanha ao atuar no cérebro físico, pois, por meio de um galvanômetro se demonstra que o processo mental vai unido nesse caso a correntes magnéticas com o éter que interpenetra a massa cerebral. O operador emite estas correntes na direção que lhe apraz, e no caso em apreço, envia-as por intermédio do éter circundante ao éter do cérebro da pessoa, cuja matéria densa fica afetada pelas ondas vibratórias que provocam o sono. À causa desta ação é indispensável que o pensamento da pessoa se harmonize com o do operador, pois se for discordante, as ondas vibratórias seriam opostas e se entrechocariam com o cérebro do paciente, produzindo perturbações físicas, dores de cabeça e outras doenças, sobretudo se tanto o operador como a pessoa têm vontade forte. Nesta última circunstância, se ambas as vontades se harmonizam, os resultados do êxtase podem ser mui favoráveis; porém, e estão em desacordo, será o mesmerismo muito prejudicial à saúde física do paciente.

Convém também ter presente que a relação entre o operador e o paciente estabelece um laço magnético que pode prejudicar a este último, a menos que o operador seja um homem de pensamentos puros e limpos, bem como emoções livres de qualquer estado mórbido. Uma enfermidade do operador pode contagiar o paciente ou vice-versa, a menos que o operador saiba resguardar-se deste contágio. Os apetites maus, as paixões perversas, os desejos baixos, as emoções sinistras e os maus pensamentos, podem ser transmitidos ao paciente por esta telegrafia sem fios. Ademais, é possível dominar até certo ponto a vontade da pessoa, que umas vezes notará o domínio que sobre si é exercido e outras o suportará inconscientemente. Um operador sincero romperá desde logo o laço magnético,

uma vez realizada a sua obra; porém, infelizmente aparecem com demasiada frequência nos jornais, anúncios que prometem ensinar a prática do mesmerismo a fim de obter bastarda influência nas pessoas, para se aproveitarem delas em assuntos especulativos e em questões de interesses egoístas.

Exemplo disso temos com uma jovem, faz vinte anos, que veio visitar-me ao sair do hospital de onde lhe haviam despedido por sofrer de uma enfermidade incurável na vista: a atrofia do nervo ótico. Da cura, caso fosse possível, dependia o ganho da vida com o seu trabalho e a realização de projetado matrimônio. Observei que algumas células do nervo ótico estavam parcialmente encolhidas, com muito pouca vitalidade, e era possível a cura se as vitalizassem. Expliquei-lhe as condições em que tentaria a prova e consentindo, curei-a.

Decorrido algum tempo, tive de sair de Londres, e como não recebesse sua visita que era frequente e não soubesse o seu endereço, enviei-lhe uma mensagem mental para que não fosse à minha casa durante a minha ausência. Na sua próxima visita disse-me que havia saído com o fim de me visitar, mas que ao chegar à rua sentiu um irresistível desejo de voltar, como realmente o fez. Este "irresistível desejo" pode ser usado com fins maldosos.

Outro perigo notei nesta supra-sensível mocinha. No primeiro dia íamos no trem, e, embora eu tivesse procedido com prudência, empreguei demasiada força na operação. A jovem percebeu que podia ler um jornal que o passageiro imediato levava na mão, e algumas horas mais tarde os seus braços caíam ligeiramente flácidos ao longo do corpo. Compreendi o que havia ocorrido e me apressei a restabelecer a normalidade. Menciono isto como advertência, para que os ignorantes não joguem com sua potência magnética, porque todo aquele que se vale do mesmerismo com propósitos terapêuticos tem necessidade de conhecer anatomia, fisiologia e também psicologia, pois o empírico uso da força magnética pode resultar em graves prejuízos físicos. (28)

Hipnotismo - O êxtase hipnótico se provoca por procedimentos mecânicos com temporária paralisia dos sentidos corporais.

No ano de 1830, o doutor Braid, depois de presenciar um fenômeno de mesmerismo, fez algumas experiências, e observou que uma pessoa podia cair em êxtase olhando um objeto brilhante colocado em poição tal que a vista terminaria afetada por estrabismo interno, ou, como se diz vulgarmente, olhando para dentro de si mesmo.

A explicação está em que as ondas de uma luz brilhante que fere a retina, estando os olhos naquela violenta posição, fatigam muitíssimo os filamentos do nervo ótico e os insensibilizam durante algum tempo. Posteriormente se aperfeiçoou esta experiência, e os médicos e psicólogos a empregaram para obter o êxtase das pessoas em quem tinham de operar. No Hospital de Salpetriêre, de Paris, foram realizadas pelo Sr. Charcot muitas experiências desta espécie, valendo-se de preferência de um espelho giratório ou de uma luz elétrica focada na vista da pessoa; porém, este procedimento anormal persistentemente empregado é nocivo para a saúde e tende a produzir o histerismo e até a paralisia.

A Yoga - O terceiro método para tornar insensível o corpo físico e atuar o ego

independentemente no astral, é a prática da yoga, aprendendo-se a concentrar o pensamento. A vantagem deste método é que o ego, livre de suas ataduras físicas, pode recordar ao tornar ao corpo físico tudo quanto fez e o que aconteceu fora deste. Ao contrário, no êxtase artificialmente conseguido, a pessoa, ainda que em completa consciência no mundo astral e capaz de responder a perguntas e transmitir informes por meio do inerte corpo físico, não recorda, em geral, ao volver ao corpo físico o que lhe sucedeu no mundo astral durante o êxtase.

(22). Convém distinguir entre elementais e elementares. Os primeiros ou espíritos da natureza (gnomos, fadas, sílfides, ondinas e salamandras) são inofensivos e nenhum recusa a companhia do homem. Os segundos são entidades malignas e agressivas, tentadoras, simbolizadas no demônio do Cristianismo. (N. do T.)

(23). A palavra hipnótico se refere adjetivamente a tudo quanto esteja relacionado com o sono, e não se verifica em sua reta e etimológica acepção que forçosamente deve ser um estado produzido por sugestão magnética. Todos os chamados hipnotizadores provocam o sono em seus "subjects", porém, nem todos os estados de sono ou hipnótico provêm da ação dos hipnotizadores. O vulgo tem tergiversado o sentido reto da palavra hipnótico, e fala-se de sono hipnótico sem advertir a enormidade da redundância, pois o hipnótico já por si implica a ideia de sono.

(24). Ao tratar da mediunidade, explicaremos a diferença entre o êxtase e a anestesia, em que também o corpo físico queda inconsciente pela ação de certas substâncias como o éter, o clorofórmio e outros entorpecentes.

(25). O leitor que se interessar por este ponto encontrará muitos casos classificados com a denominação geral de "desdobramento da consciência".

(26). Esta palavra é a que com maior propriedade etimológíca expressa a ideia significada pela anglo-francesa *"transe",* que pode achar-se inalteravelmente traduzida em muitos tratados de psiquismo, sendo que em nossa língua a palavra *transe* tem um significado mui distinto do *transe* a que se refere o texto. Pelo contrário, *êxtase* equivale a transporte e se deriva das palavras gregas *ek* (fora) e *stasts* (base), ou seja "fora da base", isto é, fora do corpo, no caso de que tratamos. Transe em nosso idioma não dá ideia da *ausência do ego,* que é condição indispensável do êxtase, e sim que se contrai ao definir o ponto rigoroso de algum acontecimento, como por exemplo quando dizemos *transe da morte.* O êxtase tanto pode ser o artificialmente provocado no médium espírita como o natural dos místicos.

(27). A comunicação direta com o ego que deixava em sono extático seu corpo físico e era consciente no mundo astral, valendo-se do corpo de emoções como veículo de atividade, isto é, o mesmo corpo astral de que também está revestido na vida terrena, muito embora atue no corpo físico. (N. do T.)

(28). Assim mesmo advirto que tenho estado praticando durante muitos anos a cura mesmérica com imenso trabalho, e não posso contestar nenhuma carta nem responder a nenhuma pergunta que se me dirija sobre este ponto. A correspondência será inútil. (N. do T.)

Capítulo VIII

Corpos Adultos

Continuação

O corpo mental e os fenômenos a ele relacionados - O corpo mental está bastante desenvolvido na generalidade dos intelectuais; porém, sua função como instrumento de consciência não é observar os fenômenos do mundo mental em que atua, e sim servir de transmissor ao cérebro físico. A consciência do ego recebe o contato dos pensamentos externos, porém, não sabe donde procedem. Sua atenção está concentrada em si mesmo e ocupada em receber impressões dos mundos inferiores e sintetizá-las em percepções que por sua vez se resumem em conceitos e ideias. O ego proporciona recordações de passadas percepções que tanto contribuem ao reconhecimento dos objetos físicos, e classifica, fundamenta e formula conclusões que apresenta à sua vontade para que dentre elas escolha uma.

Poderemos considerar a consciência do ego como um receptor de impressões que transmite ao corpo mental, donde as digere e assimila a consciência mental, que por sua vez transfere os resultados desta atuação ao cérebro físico, donde brotam as impressões que afetam o mundo exterior.

Toda a atuação mental ocorre no mundo do pensamento, e o cérebro físico não é mais que o instrumento do Pensador, como um músico que se vale de seu instrumento. A música pode dissonar por defeito do instrumento, sem diminuir o valor da composição musical, que é do compositor, por imperfeito que seja o instrumento. Neste caso, como em todos, o corpo físico é uma limitação e o único meio de que o ego dispõe para se manifestar no mundo físico, ainda que de certo modo diminua suas faculdades.

Os fenômenos do mundo mental não podem ser tão facilmente objetos de observação como os do mundo astral. Os *devas* nele residentes são os protetores ígneos, os seres de luminosidade esplêndida e potente energia, que pelo pensamento atuam nos mundos inferiores. A chamada telepatia ou transmissão de pensamento pode efetuar-se em direção de mente a mente; porém, quase sempre se opera por meio do cérebro, e a glândula pineal serve de gerador e receptor.

O corpo mental é notável pela extraordinária vivacidade, pureza e fulgor de suas cores e a plástica mobilidade de sua matéria. Não são necessárias as palavras quando um pensamento se põe em contato com outro pensamento, com tal plenitude e abundância de expressão a que não alcançam os símbolos da linguagem falada.

Porém, atualmente, poucos seres humanos, dos que vivem no mundo físico, são conscientes e podem trabalhar com inteira liberdade no mundo mental. Até os capazes de

transportar-se a ele com plena consciência atuam na maior parte no mundo astral. Não obstante, do mundo mental recebem os cérebros receptivos inspiradoras formas de pensamento e, ungidas de enaltecedora energia, impelem a todo um povo a trabalhar em determinado sentido de nobre conduta, porque, os *devas* ou protetores, que a seu cargo têm as nações, residem no mundo mental e, desde lá, dirigem na pelo seu assinalado caminho. Também no mundo mental profetas e *rishis* ensinam a seus discípulos, e, fortalecidos, enviam-nos a prosseguir sua obra de serviço.

Capítulo IX

A Consciência Vigílica

Estamos agora em condições de compreender como a vida do homem já "desperto" prossegue dia após dia nos três mundos: físico, astral e mental. Vive ativamente em três corpos: o mental, o astral e o físico, o que quer dizer, num corpo composto das três classes de matéria física, astral e mental, correspondentes na nomenclatura hinduísta à terra, à água e ao fogo. Estes corpos são a roupagem do ego, o verdadeiro homem.

Na ordinária roupagem pode o corpo de uma pessoa estar coberto por três peças: a jaqueta de lã, a camisa de linho e a camiseta de algodão, que são tiradas e postas sem detrimento de sua pessoa. Da mesma forma o homem verdadeiro pode despojar-se de seus corpos sem deixar de ser o mesmo homem.

Porém, ainda que continuadamente viva nos três mundos, somente se põe em contato direto com aquele em que sua consciência atua vigilicamente no corpo que contém a mesma classe de matéria que o respectivo mundo. Contudo, a percepção deste mundo pode ser tão somente parcial se a consciência não está completamente desperta; e assim temos que a maioria dos habitantes da terra somente conhece uma parte do mundo físico em que sua consciência atua vigilicamente.

Assim explicado, podemos agora classificar os sucessos com que mais ou menos estamos familiarizados, e reconhecer que são naturais, ainda que raras vezes ocorram em nossas experiências diárias.

A consciência vigílica no mundo físico é a que todos nós temos em nossa vida diária e pela qual pensamos, queremos e trabalhamos, sem nos apercebermos de que em nossas experiências ordinárias empregamos as três classes de matéria: mental, astral e física.

Exemplifiquemos: se temos fome e tomamos para comer o alimento ao nosso alcance, qual o processo desta operação? Ao sentirmos fome e ao vermos o alimento, reconhecemos que ele serve e recordamos que satisfaz a fome. Este reconhecimento e esta recordação são de ordem mental e se efetuam no cérebro onde vibra a matéria do corpo mental que interpenetra os outros dois, e por meio da matéria do corpo astral que lhe serve de ponte, transmite as vibrações às matérias etérea e nervosa do corpo físico, cujo resultado é o reconhecimento do alimento e a recordação de que satisfez a fome em ocasiões anteriores. Esta recordação desperta o desejo de comer, que corresponde ao corpo astral, cujas vibrações se transmitem por meio do duplo-etéreo ao grande simpático do sistema nervoso e às glândulas salivares que segregam seu suco e, como se diz vulgarmente, *faz-nos água na boca.* O desejo incita automaticamente à atividade, que põe em movimento os músculos e abre-nos a mão para tomar o alimento e levá-lo à boca.

Não é necessário, absolutamente, observar e seguir as diferentes, porém, instantâneas fases deste processo, nem a atuação nele dos diversos órgãos do corpo. Não obstante,

quem anseia *compreendê-las* deve ter a paciência de estudá-las e assim poderá responder a várias perguntas em vez de formulá-las. Por que a criança de colo chora e baba quando tem fome e vê sua progenitora, sua ama ou sua mamadeira? Porque a consciência do pequeno reconhece o alimento e recorda que satisfaz completamente sua necessidade. A consciência do pequeno *pensa* por meio do cérebro físico; e a criança chora e baba porque a consciência *deseja* por meio das glândulas salivares e lacrimais.

Se a criança é recém-nascida ou de poucos meses, apenas moverá vagamente os braços e pernas, porque a consciência não domina ainda os músculos para guiá-los a tomar alimento, como ocorre quando a criança já é mais crescida e esperta. Quando maior, não se contentará em abrir a mãozinha para apanhar o alimento, e sim se arrastará pelo solo ou andará por seus pés até alcançá-lo. Tudo isto é fácil de compreender e atentamente se observa e estuda. A rudimentar atuação da consciência por meio dos novos corpos se repete continuamente até converter-se em automática; porém a sucessão das fases sempre é a mesma, apesar de que, segundo crescem os corpos, respondem melhor aos impulsos da consciência e é mais complicada sua atuação.

Em um princípio só há um desejo, um vago sentimento de necessidade seguido da satisfação. Este é o reflexo do princípio cósmico: “O desejo despertou primeiramente no Eterno."

Porém muito depressa se estabelece a série normal de pensamento, desejo e ação, que se manifestam respectivamente por meio do cérebro, das glândulas e dos músculos, cujas vibrações se iniciam correspondentemente na matéria mental, astral e física.

Segundo aumentem os conhecimentos humanos, descobriremos provavelmente maior número de pormenores das diversas classes de matéria mental, astral e física, em sua relação com as operações da consciência. Já sabemos que a luz, a eletricidade, o calor, o magnetismo, o som, etc., são modalidades vibratórias da energia única através do éter. Sabemos que o magnetismo ou a eletricidade galvânica se relaciona com a atividade mental do cérebro físico e que provoca alterações químicas na composição da matéria densa das células cerebrais.

Não obstante, o amplo esboço que temos traçado deve servir para nosso imediato propósito de compreender em termos gerais a atuação da consciência vigílica no corpo físico.

Se advertirá que a consciência vigílica no corpo físico ou, mais simplesmente, consciência física, só percebe alguns "resultados de sua atuação na matéria densa (sólida, líquida ou gasosa) do mundo físico. Sua área é, na verdade, muito restrita; porém, a moderna psicologia reconhece a ampliação desta área na que impropriamente chama "subconsciência", cuja atuação não vai precedida de descobertos pensamentos e desejos, como sucede na consciência física.

A Teosofia distingue na "subconsciência" dos psicólogos dois aspectos, a saber: a subconsciência propriamente dita e a supraconsciência. A subconsciência inclui todos os instinto e atos resultantes de passadas experiência consciente, porém, que ficaram para além do conjunto da consciência física por inúteis e inadequadas às atuais condições.

Exemplo disto temos em que os quadrúpedes silvestres dão voltas e mais voltas na espessura do bosque para apanhar a erva e arranjar o lugar para dormir comodamente. É

uma deliberada ação resultante do pensamento e do desejo. Não obstante, um cão doméstico dá também várias voltas, antes de deitar-se para dormir sobre um lugar onde não há erva para alisar. É uma ação involuntária que resulta do automatismo subconsciente. Um cavalo aguça as orelhas em direção das vibrações sonoras para melhor perceber o som; ou, de modo casual, ele movimenta-as a fim de localizar a direção de um som; em compensação o homem não tem mobilidade nos lóbulos das orelhas. Não obstante, a subconsciência pode despertar-se vigilicamente pelo pensamento e pelo desejo, de modo que ponha em ação os atrofiados músculos que governarão a mobilidade dos lóbulos da orelha.

Assim, pode ser conquistada, ainda uma vez, a faculdade de reter o alento e as pulsações do coração, para o qual se necessita consumir muita energia mental e volitiva.

Também pertence à subconsciência a "memória das células", exercitada na construção e reconstrução dos tecidos, cicatrizações das feridas, etc. Esta memória ou instinto inteligente das células pode ser governada e dirigida pelo poder da vontade para a rápida cura das lesões sofridas pelo organismo. Os chamados "milagres" de cura de enfermos se efetuam, em muitos casos, estimulando por este meio a rápida e anormal atividade das energias físicas. Nós, os teósofos, atribuímos à subconsciência das memórias adormecidas, os desejos e ações do passado; porém, a supraconsciência é para nós a vasta área da consciência humana que, pouco a pouco, segundo o homem evoluciona, vai formando o campo da consciência vigílica.

Convém advertir que o instável equilíbrio da matéria cerebral é de duas classes: a instabilidade da irritação, histeria e excitação que conduz à loucura; e a instabilidade derivada da evolução, em que a vida se debate contra a forma e faz pressão nela. Esta condição precede sempre ao adiantamento do homem e constitui o gênio. Daí a comum e errada expressão de que "o gênio confina com a loucura". Constantemente ambos são fundidos, porém, são dois polos opostos: a loucura é o término do caminho descendente que conduz o homem à degeneração do bruto pela subconsciência; o gênio é o mais alto grau da capacidade humana, da crista da orla da evolução, que se esforça em alcançar a supraconsciência e ilumina o caminho que há de ser percorrido pela humanidade.

Capítulo X

Evolução

Vimos que a consciência vigílica do homem é, em termos gerais, a que, segundo vai desenvolvendo suas faculdades e correlacionando-as com seus corpo, atua no mundo que mais estreitamente a limita.

Já descrevemos no terceiro capítulo as sucessivas roupagens em que se vai limitando a consciência do ego, que só percebe o mundo correspondente à matéria do corpo que pouco a pouco modela e aperfeiçoa.

O corpo mental é durante muitos nascimentos uma nuvem informe, e muito pouco pode expressar pela sua conduta. A consciência no corpo mental é entretanto cega, muda, surda e paralítica sobre o que diz respeito ao mundo mental.

Também o corpo astral, durante muitas encarnações, é uma massa de buliçosa, turbulenta e agitada matéria, conveniente para expressar apetites e paixões animais que instigam o corpo físico a violentas ações. A consciência do ego está dominada pela matéria astral que governa uma forma humana.

O corpo físico é a primeira escola do ego em sua evolução humana, e há de ser durante muitíssimas encarnações a principal expressão de sua consciência. O corpo físico tem mui limitados contatos com o mundo físico; porém são definidos, porque possui órgãos para distinguir as diferenças e semelhanças dentro de seu restrito campo, e oferece ao ego imensas possibilidades de evolução.

Os corpos em seu aspecto de pontes - Durante largo tempo, o ego utiliza seus corpos astral e mental como se fossem pontes para chegar ao mundo físico, e não como instrumentos para se relacionar com os mundos aos quais respectivamente pertençam devido à sua constituição.

A consciência do ego flui e reflui através de suas roupagens astral e mental, e as vibrações da matéria que acompanham as permutas de consciência em cada uma das ditas roupagens se transmitem de uma a outra até atingir a física.

Convém ter presente que as três classes de matéria se interpenetram mutuamente como sucede com os sólidos, líquidos e gases no corpo físico; e assim a vibração de uma delas provoca a vibração nas outras duas. Os contatos do mundo físico levantam na matéria do corpo físico vibrações que, transmitidas pelos corpos astral e mental, chamam a atenção do ego, afetando sua consciência de modo a perceber algo exterior a ela.

Os órgãos sensoriais do corpo físico vão se aperfeiçoando durante a idade de evolução, e a faculdade perceptiva do ego se aproveita destes órgãos para indagar a causa da comoção. Seus primeiros esforços mentais relacionam a comoção de seus corpos com a causa que a reproduz no mundo físico.

A comoção do corpo astral é umas vezes prazenteira e outras penosa, determinando

no primeiro caso o desejo de reiteração e no segundo o de evitação. O corpo físico se aproxima então ou se afasta do objeto causador do prazer ou da dor. Assim começa a educação do ego em seu contato com o mundo físico. Estimulam esta educação homens altamente evoluído em mundos passados, que lhe ensinam a ordenação em que nasceu a pessoa e com a qual deve conformar-se e quiser evitar a dor. O homem conhece por experiência que é verdade quanto lhe ensinam seus mestres, pois sofre ou goza segundo o advertiram, e assim vai adquirindo experiência. Enquanto sua percepção do mundo externo se resume ao físico, onde fixa sua atenção, a constante transferência de ondas vibratórias ao corpo mental, através do físico e do astral, assim como as respectivas vibrações do corpo mental, transferidas pelo astral, organizam os corpos astral e mental de modo que, sem cessar, estão evolucionando e se dispondo a perceber mais adiante seus respectivos mundos. Depois, são evoluídos notavelmente por experiências de além-túmulo. Somente é consciência física o que se manifesta no cérebro físico por transmissão dos corpos mental e astral.

Experiências de além-túmulo - Segundo já dissemos o homem ao morrer se desprende do corpo físico denso e continua vivendo nos demais corpos. Aos poucos deixa também o duplo-etéreo e subsiste nos outros. O físico denso e o duplo-etéreo se desintegram, ficando assim o ego livre de uma roupagem de que não mais pode servir-se para sua ulterior evolução. A memória de tudo quanto lhe sucedeu na vida física queda, por assim dizer, armazenada em sua contínua consciência de ego, readquirindo-a quando atua em seus *corpos permanentes,* porém, não quando atua em seus corpos transitórios. Mercê desta admirável ordem o ego aproveita quantas experiências tenha adquirido; e não obstante, queda "puro e limpo", como dizia Goethe, para entrar em cada nova vida mortal sem os entorpecimentos e as remordedoras memórias de um passado turbulento. Tudo quanto de valor existiu nas passadas experiências se transmuda em faculdades, caráter e temperamento, e renasce em aperfeiçoados corpos mental, astral e físico, convenientes para a ulterior evolução do ego. O que atualmente lhe sucede é proveitoso em todo tempo para sua consciência superior, e o será também para tudo quanto, no transcurso de sua evolução, consiga a ampla madureza humana.

O mundo astral - Depois da morte física e do desprendimento do duplo-etéreo, a roupagem externa do homem é o corpo astral, o corpo dos apetites, das paixões e emoções. A atenção do ego não tem então mais remédio que se dirigir aos contatos do mundo astral, e assim o percebe, muito embora confusamente, porque sua atenção se fixa mais no agitado torvelinho dos desejos que borbulham no mesmo corpo astral e não pode satisfazer porque já não possui corpo físico por intermédio do qual os satisfaça. Deste modo aprende afinal que a satisfação de um desejo em prejuízo do próximo reverte em sofrimento, que serve de semente para uma qualidade de sua futura consciência física. De outro modo, também goza da satisfação dos desejos convenientes à sua etapa de evolução. Sua estadia no mundo astral é tão duradoura como seus desejos, segundo a qualidade que tiveram na sua última vida terrestre, e goza de paraíso de índole material. Com o tempo se desintegra o corpo astral, e então a externa roupagem do ego é o corpo mental no mundo

celeste.

O mundo celeste - É uma porção do mundo mental, cujos moradores estão especialmente preservados de tudo quanto pode manchar ou entorpecer sua perfeita felicidade ou a incessante transmutação de suas úteis experiências em faculdades.

O céu que descrevem os clarividentes ou os extáticos, não é mais que o céu materializado do mundo astral, composto das formas mentais e quem nele habita e reproduz o céu segundo o pintam as diversas religiões em suas Escrituras sagradas. Não tem nada de comum com o verdadeiro céu do mundo mental, donde todas as emoções antiegoístas, as nobres aspirações, os pensamentos generosos, os elevados .anelos da passada vida terrena se transmudam em potências e faculdades para empregá-las na vida seguinte, Quanto mais copiosas hajam sido as experiências colhidas, mais potentes serão as faculdades adquiridas. No mundo celeste todo amor altruísta encontra seu prazer em uma plenitude e vizinhança de comunhão que jamais. poderá conhecer na terra.

A permanência do homem no" mundo celeste é curta ou longa segundo tiver sido a índole de sua vida terrena. É curta quando foi escasso seu caudal de pensamentos nobres e emoções altruístas; longa, quando abundante. Seja curta ou longa, elabora *completamente* tudo quanto levou consigo, embora em germe, e afinal armazena em seu permanente corpo causal todas as recordações de suas vidas passadas e todas as sementes das qualidades mentais e emotivas que presidirão seu futuro progresso.

Facilmente acabamos de ver que a evolução é mais rápida à medida que melhoram de qualidade os pensamentos e as emoções, e que cada vida nos mundos astral e mental depois da morte, transfere mais abundante colheita à próxima vida terrena.

O homem comum civilizado é capaz de considerável melhoria durante sua vida celeste, pois semeia ali as sementes de uma copiosa colheita. Em sua mão tem o aceleramento de sua evolução, ao considerar que sua vida mental e emocional na terra lhe proporciona os materiais para uma vida mesquinha ou abundante no terceiro mundo, estabelecendo assim maiores ou menores possibilidades para sua próxima vida terrestre.

Convém recordar que se bem o homem assuma no mundo astral os resultados de suas sinistras paixões e emoções, sofrendo em proporção à sua intensidade, há de ressarcir também, em outra vida terrena, o dano que houver ocasionado ao próximo na passada vida, se não a ressarciu no mundo astral. O ressarcimento deste dano o há de cumprir, ou sofrendo em mãos daqueles a quem prejudicou, ou prestando-lhes algum bom serviço. No primeiro caso, queda a semente do ódio provocado pelo dano, pois a menos que medeie o perdão e o esquecimento, serão invertidos os termos da dívida. No segundo caso se extingue de todo, porque "o ódio jamais cessa pelo ódio, e sim pelo amor".

PAZ A TODOS OS SERES